

Anexo C – Entrevista com José Severino da Silva (Miúdo) em 06/2006

V- Então estamos aqui com o José Severino da Silva, né? O Miúdo, e ele vai contar um pouco da história dele, né? Então, Miúdo, eu queria entender, assim, onde você nasceu, onde você cresceu e quando você veio para Cubatão, prá você lembrar, como você veio, que transporte você utilizou. Eu trabalho com migrantes, então eu preciso entender qual foi o seu trajeto até chegar aqui. Se você é daqui mesmo, né? Aí você vai me contando um pouco da sua vida, eu vou perguntando e você vai falando.

M- Eu me chamo José Severino da Silva, nasci em quinze de novembro de 1956, né? No estado de Pernambuco, numa cidade chamada Limoeiro, mas me criei em Salgadinho.

V- Salgadinho?

M- Salgadinho, que é justamente é o // é uma cidade perto de Limoeiro, mas eu nasci em Limoeiro e me criei em Salgadinho, porque lá a cidade é uma cidade pequena, mas tem uma *fonte* de água no meio do rio Capivari que corta a cidade.

V- Que coisa mais linda!

M- A cidade, quando rio enche, né? Que ele deságua, então a cidade, ela fica dividida no meio, fica uma rua do lado, uma rua do outro. Agora cresceu mais, que eu saí de lá em setenta e cinco.

V- Setenta e cinco. Aí setenta e cinco, retornando à setenta e cinco, o que que você pensou que fez você sair de lá?

M- É, justamente, né? Antes de eu vim diretamente, partir do Norte para cá, eu vivia muito no Sul, cortando cana, cambitando cana, enchendo vagão de trem, era máquina não era trem, era máquina. Então eu fui um garoto criado praticamente na Zona Rural, né? Do Estado de Pernambuco. Então, *prechera*, a usina Tiuna, a usina Aliança, a usina Capene... Todas as usinas do Sul praticamente eu trabalhei nelas carregando cana, cambitando, cortando cana, então de tudo eu já sabia um pouquinho na área rural. Tirando leite em vaca, dando capim para vaca, né?

Apanhando com serra. E quando eu cheguei em 1975, veio um irmão meu em setenta e quatro para Cubatão, né? Que hoje é falecido, e se instalou na Vila Elizabete. Então aí depois, em setenta e cinco ele mandou // que eu fui criado praticamente com ele, ele era meu irmão mais velho e adonde ele estava eu estaria presente, junto com ele, acompanhando a trajetória dele. Então a trajetória dele era cortar cana, cambitar, *empeleitar*, limpar conta, limpar cana, né. Que chama as conta mas é limpando uma conta de onze por onze, uma braça, que é a medição do Norte, né? Justamente. Aí ele mandou me buscar, e aí ele foi na (?), comprou a passagem e vinhemmo. Cheguei aqui em 1975 e me instalei na Vila Elizabete. Na Elizabete, no quarto dia que eu estava aqui já em Cubatão, arrumei o primeiro emprego e fui trabalhar na SERVER Engenharia como ajudante, né? Ajudante (risos) geral.

V- Qual o nome do lugar?

M- Era na Vila Elizabete.

V- Então, que você foi trabalhar?

M- Fui trabalhar na SERVER Engenharia, na área da Cosipa.

V- SERVER?

M- SERVER Engenharia, é. Minha primeira ficha na carteira foi na SERVER Engenharia. E eu era pequeno, né? Como eu sou pequeno, por isso que eu chamo Miúdo, ainda sou pequeno, aí o engenheiro encarregado “Mas (?) criança” chamava de criança “esse pequenininho!” Aí então eles falaram que eu era miúdo, eles perguntaram porque eu nasci, meu nome era miúdo, aí eu falei “Ah, porque eu nasci de sete meis, né? Eu era bem chochinho”. (risos)

V- (risos) Mas nasceu mesmo ou tava brincando?

M- Não, de sete meis. Por isso que...

V- É mesmo?

M- Porque quando eu nasci, eu tô com cinqüenta anos, então você imagina eu tô cinqüenta anos eu não cresci nada. Ai falava “Por que é que tu chama miúdo?” Ah, porque eu nasci de sete meis, a minha mãe, a minha avó, né? Elas contava para mim, já eu garotinho crescendo, “Olha, você chama Miúdo porque você era bem, era

bem pequenininho”. Aí ficou Miúdo e é um nome na cidade hoje conhecido, é Miúdo, né? E é conhecido por todas as autoridades, toda a liderança comunitária. // E comecei a trabalhar. Aí comecei de ajudante geral. Aí de ajudante geral, em cinco, seis meses // eu tenho no currículo, né? Aí eu teria que estar acertando para você para eu passar as data correta, que aí eu tenho as data correta, a trajetória. Eu comecei de ajudante, de ajudante eu fui a ajudante de serralheiro, né? Comecei a trabalhar com disco serra de diamante para cortar tijolo refretário para encher o alto forno da Cosipa, mandaram um teste lá para várias pessoas que trabalhava na sede, que era muita gente, e quem cortasse o tijolo // porque naquela época em setenta e cinco, aí na setenta e seis, já chegando em setenta e seis, o disco custava milhões, né? Que é o disco de diamante que é para cortar refretário. Aí chamaram aqueles ajudante geral e fizeram uma fila e deram um teste. O pedreiro tava lá embaixo, marcava o tijolo e aquele que cortasse o tijolo na medida que quando chegasse lá encaixasse certinho, sem defeito, estaria aprovado para ficar naquela máquina e a função dele era só cortar o tijolo. Então às vezes cortava dois tijolo por dia, três tijolo....

V- Nossa!

M- Né? Mas a responsabilidade daquele tijolo, ela valia por um mês de trabalho, por dois mês de trabalho, porque se o tijolo, além de ser caro, o disco era mais caro ainda, então...

V- Não podia danificar.

M- Não podia danificar nem o disco nem o tijolo, né? Porque o pedreiro, refretarista, ele marcava aquele tijolo lá embaixo, aquele tijolo lá em cima era cortado com o disco de diamante e ele levava aí, no mínimo, vinte a vinte e cinco minutos para você dar aquele corte naquele tijolo e chegar lá e encaixa perfeito, né? Porque a massa do refretário é só um tipo uma cola, depois, com a temperatura, ela desmancha a coisa e o tijolo cola um no outro próprio para não passar temperatura nenhuma.

V- E que tijolo é esse?

M- É o tijolo refretário. É um tijolo que ele tem ate sessenta quilo. Então imagina, você tem tijolo até de dez quilo a sessenta quilo. Também tem de cinco quilo, é o

tijolo refretário que vai fazendo ali circo, porque todo os alto forno são revestido com tijolo especial, né? Para que justamente ele güente a temperatura do alto forno.

V- Tá, então você começou a fazer esses tijolos pro alto forno.

M- É, cortava os tijolo para o alto forno, né?

V- Para a SERVER Engenharia. A SERVER Engenharia nessa época, ela...

M- Ela trabalhava tomando de conta da construção do forno poço que tem na Cosipa que é...

V- Forno poço?

M- É, forno poço é o nome que tem lá...

V- Ah tá.

M- Porque o forno poço é da onde vem o produto, despeja lá dentro, aí depois sai só a borra, né? Aí ele já vai para o carro torpedo, do carro torpedo ele é despejado na forma, da forma ele vai para a *ilaminação*, e da *ilaminação* aí vai sair na chapa, vai sair no chapão. E adonde é feito praticamente a borra do ferro, vem naquele panelão, aquele panelão deixa ele o líquido, sai dali de dentro pegado por um guindasto, vai até o carro torpedo, o carro torpedo // E aí o processo é longo, né?

V- Eu sei.

M- Então é historia. E aí eu me aperfeiçoei nessa profissão. Aí quando terminou o forno poço...

V- Ajudante de serralheiro.

M- É, ajudante de serralheiro. É, aí terminou, justamente aí já me classificaram, né? Como ringue. Eu nunca tinha passado por profissão nenhuma, aí o que era o ringue? O ringue era justamente aquelas máquinas, os guindastes, que pegava aqui um favo de peça e aí levava para vinte metros de altura, trinta metros. Então você estava lá com uma operadora e eu é que ia guiar você lá no manual, que hoje já é mais digital, mas eu ia guiar você colocar a peça lá, que lá estava o ajudante pra desengatar o cabo de aço e a peça fica lá. Seria uma peça de ferro // Qualquer

equipamento que fosse para uma altura tinha que ter o ringue. Aí eu fui, peguei mais uma profissão. Era ringueiro, né?

V- Era ringueiro?

M- (risos) Ringueiro.

V- (risos)

M- E aí a minha função era o quê? Era, nós estava enchendo a fabrica de oxigênio com lã de vrido.

V- Com o quê?

M- Lã de vrido.

V- Lã de vidro?

M- A fábrica de oxigênio, né? Então ela tem uma camada dentro do adonde fica o oxigênio, ela tem uma camada de lã de vidro em volta dela, que é para justamente para ela manter a temperatura, manter tudo armazenado. Então eu ia trabalhar, tinha era vinte e cinco metros de altura, então eu tinha que estar olhando para o guindastero, né? Que era o operador da máquina, então eu dava um sinal para ele: “Para direita; para esquerda; sobe; desce” né? E ele entendia o meu sinal. Essa é a profissão de ringueiro. Então aí esta foi mais uma profissão que eu aprendi. Aí na seqüência, aí eu fui trabalhar na Franco Engenharia. Na Franco Engenharia eu já fui lá, já fui trabalhar como pedreiro. Nessa minha trajetória, eu fui trabalhar como pedreiro. Comecei a trabalhar como pedreiro pela Franco Engenharia, aí a Franco me transmitiu para manobra, né? Fez uma transferência, viu que eu era eu acho inteligente ou não inteligente, eu não sei ainda. Aí me transferiu para manobra. Na manobra eu passei a cachimbar.

V- Cachimbar?

M- Cachimbar, é cachimbo, né? Se chama cachimbo. A gente fala assim “Olha, o que é o cachimbo?” O cachimbo é o feitor, né? Então é aquela pessoa que está comandando ali dez, quinze, vinte pessoa e me levaram para um obra na adutora do quilombo, né? Que vem água para Cosipa, para as caixa d’água, para resfriamento e água para beber. Então ela vem da adutora do quilombo. E a obra era no meio da

mata. Então aí eu ia tomar conta do encanador, soldador, carpinteiro, eletricista, tinha o mestre, o contra-mestre, o encarregado, o engenheiro e eu era o último, eu era o cachimbo. (risos)

V- Sei (risos)

M- Só que lá ninguém atendia, né? O mestre chegava lá falava uma coisa, ninguém // ouvia por ouvir. Mas você é soldadora, uma suposição, então você vai carregar um tubo nas costas? Para encanar água? Um tubo de água lá era só encaixado, mas tinha parte que às vezes, um dia ou outro, ia precisar da soldadora, do maçariqueiro. Então tinha que ter cada um na sua função, mas quando pegava a obra, no começo da obra, então era cavar, o pedreiro tinha que cavar buraco, o armador tinha que ajudar a cavar buraco, o encanador tinha que fazer // Então era uma obra no meio da mata, era quinze quilômetro de obra no meio da mata. E me mandaram para lá, eu como cachimbo, né? Aí depois, você já imaginou? Porque a palavra cachimbo, (?) cachimbo só serve para levar fumo...

V- (risos)

M- ...é o português da obra, vamo falar bem claro. Mas o que é o cachimbo? O cachimbo só serve para levar fumo, que é o cachimbo do Norte. (?) Eles associa isso, né? Mas a gente não ligava que era tudo brincadeira na obra, e aí me deram os cinqüenta homem para mim tomar de conta. E nesses cinqüenta homens tinha de todas as função, de eletricista, a guindasteiro, a tudo. E falavam “Miúdo, o que você fazer está feito”. Né? Porque aí eu chegava, eu sabia que o encanador, ele não ia soldar. Nem o soldador ia carregar o tubo, era vice-versa. Mas eu chegava, a gente se reunia bem cedo quando batia o cartão, eu chamava todo mundo para uma reunião e nesta reunião nós fazia o quê? “Ó, pessoal, vamos faze aqui um mutirão, todo mundo exercendo qualquer uma função e vamos fazer a obra andar.”. Então, olha, amanhã o cidadão precisava // ele tem um problema para resolver com o médico, aí eu já liberava ele, ele ficava sastifeito, dizia: “Vai, vai resolver seu problema amanhã. Mas hoje nós temos esse problema para a gente fazer.” Então, eu dominava ali todas as área, todo mundo fazia serviço que não era dele, né? Porque olha, você chama um arquiteto para carregar o concreto, ele só vai se tiver uma boa amizade, vai falar “Sou um arquiteto”. Você chama o soldador “Sou soldador”. Então eu tinha aquela habilidade e eles tratava eu como Miudinho, e nós

trabalhamo um ano e seis meses colocando esta água para adutora do Cosipa, com todas essas pessoas em funções variada, mas sempre atendendo quem? O cachimbo, né? Porque ia ver o encarregado não tinha habilidade. O encarregado dizia para o soldador “Olha, eu preciso que você vá carregar o tubo” “Olha, eu sou soldador”. Mas quando eu chegava para o soldador e dizia, “Olha, nós precisamos carregar um tubo” ele dizia “Olha, para você eu vou, mas para o encarregado eu não vou, para o engenheiro eu não vou. A minha função é essa, agora para você, o que você precisa nós vamos.”

V- Você tinha crédito, né?

M- Eu tinha crédito com várias função, né? Porque também eles tinha crédito comigo. Quando eles pedia “Ah, eu tenho um problema de saúde para resolver, eu tenho uma conta para ir pagar, eu preciso ir ver um parente que está doente” “Olha, vai, o seu dia está ganho, está apontado” Então eu tinha aquela harmonia com todas as função e aí eu me tornei o feitor da manobra e passei // e aí terminou a obra. Ai falaram “Poxa, como é que nós vamo aproveitar o Miúdo?”

V- (risos)

M- “Como é que nós vamo aproveitar o Miúdo”. Aí me deram uma classificação de assistente técnico, né? Então você vê eu não conhecia quase nada, mas eu fui classificado como assistente técnico para que? Para rastrea a Cosipa por cima e por baixo. E eu trabalhava // eu conhecia de tudo um pouquinho, né? E tudo sempre estava tentando aprender, porque eu vim do Norte, não sabia // só tomava água num pedaço de cuia, eu tentava sempre aprender de tudo um pouquinho para ter alguma habilidade para o futuro. E aí eu vim para a Cosipa. Disseram: “Olha, a sua função é tomar conta aqui da rede de água ácido” A água ácido, ela passa por uma galeria que começa no começo da Cosipa e despeja, praticamente no cais, lá no // mas despeja tratada, ela vai passando por vários processo para quando chegar lá, todo o ácido que tinha na água já está fora, não tem nada. Só que, até ela chegar lá, o tratamento, ela passava as veiz dava um vazamento // quando havia vazamento d’água, ele ficava na galeria e dava infiltração que o ácido comia a parede. Vai para lá, vai para cá e vinha todo o tipo de material, técnico de um lado, técnico de outro, “Como é que nós vamos vetar a água”? “Como nós vamos tampar a água?” Porque quando comia a água ácido comia a parede, aí a infiltração do outro lado que estava

abaixo da maré, né? A maré estaria acima da parede, começava a cair na galeria. E vinha técnico de tudo quanto era lado. E aí eu arrumei uma (?) que fazia panela de barro, boi de barro para brincar, né? Aquela argila.

V- Sei (risos)

M- Aí eu falei “Olha, traga um caminhão de argila”, para ver se o barro o ácido não comia.

V- Ah é?

M- O barro o ácido não comia. E eu descobri isso daí através de várias experiência que nós fazia, porque todo o material o ácido comia e o barro, a argila, né? Aquele massape de você fazer ligado, misturava ele no cimento e chega lá onde tivesse vazamento, colocava, primeiro nós fizemos uma experiência numa galeria. Onde passava o ácido puro e fizemos duas paredezinha. E o ácido comia, o tijolo cozinhado, mas não comia o barro. E fizemos a parede lá e durou mês e mês e mês e mês e ela continuou do mesmo jeitinho. Aí foi adonde a gente começou a fazer esses trancado. Porque vinha até técnico da Vedacite, né? Daquela // do material vinha, né? (?) por ser inteligente demais, e com o próprio barro a gente começou a tampar. Aí terminou o serviço eu falei “e agora?”

V- Água o quê você falou?

M- Água ácido, né? Água ácido é a água que vai // Primeiro o aço, quando sai a chapa ela cai numa piscina de ácido, né? De água ácido que faz // onde dá o choque, que é para ela se transformar, né? Sair do ferro, passar para o ácido, por isso que chama (?) que é o nome (?) a batida para ela aperfeiçoar e ficar a chapa depois que (?) laminação de aço, etc e etc. Aí o que é que aconteceu? Trabalhei mais um ano. Aí terminou, aí o engenheiro, né? Que terminou o contrato da empresa // Isso eu já estava, né? Setenta e sete, setenta e oito... Aí em setenta e nove me chamaram para trabalhar pela Franco lá na ponta da praia.

V- Franco?

M- É, Franco Engenharia. Aí eu comecei a trabalhar lá, e a gente trabalhando, foi para lá, veio pra cá, e era um engenheiro da Dersa na época que falou “Olha, eu preciso de um rapaz para trabalha com nós lá” E me levaram para lá e eu fiquei

trabalhando na manutenção da estrada velha, né? Que fazia paralela à Imigrantes, então tem a Imigrante // hoje tem duas imigrante, mas na época só tinha uma. Então é uma estrada que fazia todos os *círculos*, né?

V- Ah é?

M- É, tem uma estrada serviço que faz todo os *círculos* para chegar em cima da Imigrante. Aí eu fui trabalha. Aí me deram uma turma, então lá o mosquito dentro da mata era demais. Mas eu já tinha experiência, na do quilombo, aí na Imigrante era café pequeno. Só que era para reforma a estrada velha. E aí me deram pedreiro, me deram carpinteiro, me deram *marteteiro*, né? Cada função eles trouxeram um. Só que as pessoas não se adaptava. Como que não se adaptava? O pedreiro estava lá, às vezes era para tapar um buraco do meio do barranco, né? Que é quando desbarrancava, então fazia um concreto, fazia chapiscar uma massa grossa// Ah, eu sou pedreiro eu vou trabalhar aqui mesmo. Então o que que eu fazia? Eu pegava os ajudantes que não sabia de nada, dava pra ele uma *colhe*, né? Uma desempenadeira, né? Porque era só para jogar massa e ia classificando ele lá, “Você vai sair daqui pedreiro!” E quando alguém tinha alguma caixinha para fazer, ele já ia fazendo, ele tirava a medida, ia lá, fazia // Então classificava o ajudante para justamente ele ter uma profissão. E ali naquele meio termo ele ia se desempenhando. Quando ele fosse trabalhar numa obra grande, ele já tinha, pelo menos, uma noção de como era chapisca uma parede, como era reboca, né?

V- Tá.

M- E aí eu me adaptei a isso. Como? Eles ia e vinha até de pé. Não esquentava a cabeça, porque lá na obra, era longe. Tinha dia de você andar quatro cinco quilômetro para chegar.

V- É?

M- Porque não tinha condução para trazer. Trabalhei mais dois anos e pouco na parte da EcoVia

V- Já era EcoVia?

M- Depois nós fomos trabalhar // Já era // Não, era a Dersa.

V- Dersa.

M- Que hoje é EcoVia, que ainda continua Dersa

V- E esse pessoal que não se adaptou que o você falou, eles saíam fora?

M- Saíam fora porque, veja bem, você às vez está numa função, mas aquela função não é a sua profissão real. Você está ali para justamente, na sua profissão, mas não tem o serviço da sua profissão. Então você fala “Se amanhã eu fosse chamado” você ia. Então o que ia acontecendo? Fechava o pedreiro hoje, amanhã o pedreiro arrumava um serviço melhor, que era na profissão dele: “Eu vou embora”. Então a gente fazia com que, fazia o paliativo com os ajudante. Porque os ajudantes ele já tinha interesse em aprender uma profissão e dali ele não ia sair um profissional de linha, mas ele já ia sair com uma noção e uma profissão na carteira, né? Porque...

V- Era negócio para eles, né?

M- Era negócio para eles. Então eles se interessava, né? Dizia, olha... Pegava aqui, olha, “Até dez hora ou até meio dia, a hora que voces terminar esse serviço, essa sala, o dia tá ganho”. Então você tinha avanço do serviço porque o mosquito era demais, não deixava você trabalhar. Então tem aquilo, trabalhando por hora você se encosta, então tinha essa habilidade. Essa habilidade eu ganhei através da SERVER e fui passando por (?).

V- Tá.

M- E aí quando parei essa obra da a Imigrantes, aí me levaram para trabalha em mais uma obra na praia. Então era na praia, né? Começemo de Praia Grande à Mangangará. E aí eu // Era até numa firma chamada de Irmão Prata e a gente, eu que ficava num alojamento na beira da praia, e na beira da praia // e qual era a função nossa? Era só fazer manutenção para os turista que vinha, né? Porque fim-de-semana, né? Sábado, domingo, feriado, então descia muito turista. Então vou ver uma casa tinha um entupimento, outra casa tinha // e eu já tinha conhecimento em todas as áreas, *montei uma equipe* e trabalhei mais dois anos. Então parei de trabalhar fichado em obra quando saí do Norte em 1980 e em 1980 eu parei de trabalhar fichado e fui trabalhar em outra área.

V- Em quê?

M- Aí eu comecei a vender pão.

V- Ah é?

M- (risos) Aí eu fui para // né? Morava no Pica-Pau e comprei um fusca e velho falei “Ah, vou vender pão”.

V- Decidiu assim?

M- Decidi assim. “Agora vou tentar viver a vida trabalhando para mim”, né? Montei um negócio, o negócio que eu montei foi vender pão. Então fui vender pão na Vila Esperança, que é o bairro que eu moro hoje, aí comecei a vender pão. Só tinha seis casas, quando eu passei a vender era seis situante, né? Era o seu Francisco, o finado Valdemar, o finado Orlando, o Tigrão e ainda hoje ainda existe lá o Carlão, a Silvani, tem uma história, né? Desse pessoal que eu acompanho. // E fiquei lá, aí o primeiro bar do barro foi meu, eu já montei um bar que só tinha fogão, né? Dois bujão, *me atoquei* para justamente fazer. E uma geladeira. // O povo chegava ali parava no pão ou o povo do sítio vinha e (?) Só que o bairro foi crescendo, o bairro foi crescendo, o bairro foi crescendo. E quando eu fui o primeiro dia tinha seis casa, no quinto dia na Vila Esperança já tinha vinte e cinco casa.

V- No quinto dia?

M- No quinto dia já tinha vinte e cinco casa. Eu digo “Meu Deus do Céu”, como o negócio é // Eu cheguei a vender dois mil e quinhentos pão por dia.

V- Dois mil e quinhentos pães?

M- Dois mil e quinhentos pão por dia. Porque eu era um padeiro, eu vendia pão, eu vendia café, né? Eu vendia de tudo. Quando acabava eu vinha no centro da cidade e levava para o povo. Aí depois foi se abrindo vários comércio. Mas o primeiro bar da Vila Esperança foi o meu, o primeiro padeiro foi eu aí eu dizia “E agora, o que eu vou fazer?”

V- Mas esse sucesso do pão estava com a vida ganha. Dois mil e quinhentos pães...

M- É mas deixava um centavo de lucro, eu vendia quantidade para ter lucros pequenos., entendeu? Porque o povo era carente e eu entregava, vendia nas portas,

né? Eu saía já todo dia, todo mundo já sabia o horário que eu ia passar, dava umas buzina com a buzina, o povo já ia comprar o pão, já ia busca.

V- Tá.

M- Então eu não vendia fiado, né? Vendia sempre a dinheiro, ganhava aí mixaria mas...

V- Era certo.

M- Era certo. Era melhor do que eu ganhar dez centavos, dois centavos, três centavos, quatro centavos. Então eu ganhava um centavo mas era // eu sabia que, no final da tarde, eu tinha justamente o que me manter. E comecei a ...

V- E era só na Vila mesmo?

M- Era só na Vila, ficava só na Vila, né? Aí depois começou a abrir um botequinho em cima do outro, falou “Olha, Miúdo vai enricar”. Aí eu parti para a criação de porcos.

V-(risos)

M- Que quando o negócio pegava de um lado, aí eu peguei (?), né? Comprei um porca, né?

V- Comprou onde essa porca?

M- Lá do sítio do Carlão.

V- Onde é o sítio do Carlão?

M- É lá na pedreira.

V- Na pedreira?

M- É na pedreira que fica ali depois do Vale Verde, né? Aí eu fui, comprei uma porca, aí depois já apareceu o seu Francisco, falou “Ah eu vou te dar uma porca também de meia”, né? Eu comprei uma bacurinhazinha e aí o seu Francisco já me deu uma porca de // ele ainda mora na Vila Esperança e o seu Francisco (?) da Nobrega. Ele me deu uma porca cheia de meia, então ela já estava, né? Esperando

bacurinho e em três meses já teria uma ninhada. Então se desse doze, seis era dele, seis era meu e eu tinha de cuidar. E eu comecei a criar, né? A que eu comprei, a porquinha pequenininha, a leitoa e a porca já // a porca grande do seu Francisco que me deu de meia. E quando foi com três meses ela deu cria, deu doze bacurinho.

V- É?

M- Olha que eu já tenho seis bacurinho, né? Até hoje eu tenho // eu conto a história mas eu ainda tenho a foto dos porquinhos! (risos)

V- Ah, você tem a foto? Ai olha a gente podia digitalizar depois...

M- É porque a nossa história aqui eu estou te contando, mas a história se você estiver presente mesmo aonde eu moro e aí eu vou te passar tudo documentado, entendeu? // Aí o que aconteceu? Eu digo “Caramba!” e (?) eu cheguei a ter cento e vinte porcos, né? No quintal.

V- Cento e vinte porcos no quintal. Quando que foi isso mais ou menos?

M- Noventa e três, noventa e quatro, noventa e cinco, né? Porque eu já vinha de longa trajetória. E aí o que foi que aconteceu? Eu cheguei em noventa e dois, me passaram a sociedade do bairro para mim tomar conta. Aí já entrei em outro ramo, era dirigir a comunidade. Aí dirigi a comunidade. Então buscar a melhoria para a comunidade, né? Tentar ajudar, conhecer a população, dizer para ela // que eu já conhecia // mas dizer para ela a verdade, né? Dizer sempre // a verdade dói. Sempre dizer para ela “Olha, você está errada dona Maria, você está errado seu José, você está errado seu Francisco” porque eu era o sexto morador do bairro. Então eu conhecia o bairro// Que nem seu Francisco quando eu fui para lá, que nem o finado Orlando que já morreu, o finado Valdemar // Eu conhecia o bairro e como ele começou, né? E você vê que hoje nosso bairro tem cinco mil cento e setenta e duas casas.

V- E quando você foi morar lá? Que ano?

M- Em 1981.

V- Oitenta e um. Você saiu lá do morro do Pica-Pau...

M- Eu saí do morro do Pica-Pau porque eu já morava lá e no Pica Pau já em oitenta e oitenta e um, já dizia assim: “Olha, o Pica Pau vai sair”, que hoje é o conjunto Mario Covas.

V- Isso. Você já ficou sabendo que ia sair e já se adiantou.

M- Eu já acreditava que sairia, né? Poderia demorar vinte anos que nem demorou vinte e anos.

V- É, são coisas que as vezes demoram ou então não, né?

M- Né? Mas aí eu via que o acesso era *ruim* para de eu criar a minha família e eu estava // aí já tinha o primeiro filho, né? Já tinha o meu primeiro filho e eu saberia que a família ia crescer, que eu tinha uma noção que a família minha ia crescer. Eu digo “eu vou para Vila esperança”. E cheguei na Vila esperança e me instalei no primeiro ponto, no primeiro bar...

V- E ali onde você mora, era terra?

M- Era.

V- Não era mangue?

M- Tem a faixa de manguezal e tem a faixa de bananal, né?

V- Isso é legal.

M- Porque tem a faixa de // todos ali é *que antes* passar a pista, ali era bananal. Mas onde passa a Pedro Taques, antes de passar a Imigrante, antes de passar a ferrovia, era um bananal.

V- Era bananal?

M- Era bananal

V- E quem plantava banana naquela época?

M- Ah, quem plantava banana era o seu Serafim, né? O finado Orlando, o finado Valdemar. Tem um sítio ainda, lá do lado da pista, tem o sítio dos Queiroz. Aqui era assim, então o sítio atravessava...

V- Ele descia?

M- Descia até encostar no mangue, porque depois, né? Que tem a família Mesquita, tem ainda tem até um porto lá que é adonde eles transportava a banana pela *via alta para trazer depois na linha*.

V- Onde é esse porto?

M- É em frente ao Vale Verde. Que tem um rio, aí você desce, era o porto// do bananal já está lá só// era o porto que ficava lá

V- Tá. Então, esse bananal do sítio dos Queiroz ele descia, não tinha ainda a Imigrantes...

M- Todo ele, todo ele. É, não tinha a Imigrantes...

V- Nem tinha a linha de trem.

M- Nem tinha a linha do trem, nem tinha a Pedro Taques, certo?

V- Ah. E aí você se instalou lá.

M- É, quando eu fui para lá, aí já tinha, mas já tinha sido indenizado.

V- O pessoal da banana?

M- Depois da linha // Justamente, porque veja uma coisa, aqui está a Imigrante, aqui está a Pedro Taques e aqui está a linha, né? Então o que que acontece? // Mas isso aqui não tinha nada. Então, a parte depois da linha, ficou os bananal, ficou a parte de sítio, né? Adonde o povo via que era só mato, então era sítio. Vila Natal era, não tinha casa, era só// Quando eu fui para lá, Vila Natal não existia, né? Então toda Vila Esperança, ela tinha a linha férrea, uma estradinha beirando a linha férrea e os sítio, os situante que vivia lá.

V- E por que que será que a Vila Natal depois se desenvolveu e ficou urbanizada e..

M- Porque a Vila Natal foi feita através da Vila Esperança.

V- É mesmo?

M- A Vila Esperança, ela já é duas vezes construída e reconstruída

V- Nossa, que interessante que você está falando!

M- É, porque a Vila Natal, quando o prefeito era o Passarelli, ela não existia. Aí começou uma invasão, né? Então aí pegou, praniou, aterrou e o que é que aconteceu? Fizeram a urbanização correta, né? Com casa, deram loteamento todinho para todo mundo...

V- Com rua?

M- Com rua e tudo e trouxeram o povo da Vila Esperança. Então Vila Esperança ficou naquela época quinze ou vinte casas. Eu não quis sair. A (?) da dona Cecília, né? O prefeito também na época “*Vamos (?), vamos para lá*” eu falei “Não, eu vou fica aqui mesmo.” Só que eu ainda estava quase indo para o meio da Vila, eu não estava onde eu estou hoje, né?

V- Ah é?

M- Eu já tinha a minha casa lá onde era o ponto final, que era um pequeno sítio// Lá onde eu criava meus porcos, onde...

V- Ah, era um pequeno sítio?

M- Era um pequeno sítio com trinta e cinco por setenta.

V- Trinta e cinco por setenta.

M- Por setenta (?). Então lá é adonde eu estava e tinha um pontinho de comércio, que era o barzinho aonde eu comecei que tinha feito um barzinho, né? Que está até lá hoje, que hoje é uma adega, que foi que a Dona Ciça que é moradora, que é antiga, que está lá que me arrumou o terreno, né? Que ela já era uma das primeira, quase primeira moradoras mais junto com o Tigrão e o seu Francisco.

V- Tá.

M- Ela falou “Olha um presentinho para você”, ela me deu o terreno, não me vendeu. E daí, mais do outro lado eu já tinha um *Jeep*, aí eu troquei no *Jeep*, foi aí que eu comecei a criar os porcos, né? E comecei. Aí, nessa criação, eu criava, matava e vendia. Vendia a carne, que já era uma tradição que no Norte, né? Tem.

V- Ah é? Lá como é que? Porque assim, meus pais são de Minas, então do Norte mesmo eu não entendo muito.

M- É, mas em Minas é quase a mesma coisa do Norte. Tanto que lá tem a feira livre, você leva lá uma galinha, leva um bacurim, né? Leva um preá-da-Índia para vender nas feiras, porque as feiras lá sempre não são que nem aqui. As feiras é no meio da rua, é a vontade, né?

V- Tá.

M- Você chega lá com um caminhão de manga, despeja em cima de uma lona...

V- Qualquer um chega e vende o que quiser.

M- Vende, né? Vende para a comunidade situante. Do sítio vem para a rua e da rua eles fazem o negócio deles.

V- Tá.

M- Entendeu? Então as feiras de Minas, que nem no Norte, sempre é assim. Então tem carne de sol, né? E aí que que acontece? Quem é que não gosta de um sarapatel? O Nordeste.

V- Sei.

M- Não gosta de uma buchada? Em Minas quem é que não gosta de um queijo? Quem é que não gosta de uma polenta, né?

V- Claro.

M- Então é a comida forte, é a comida que se você tomar um café bem cedo, com umas comidas dessa, você leva o dia todinho. Então eu comecei vender a carne de porco.

V- Daí vendia lá..

M- Eu vendia na cidade, né?

V- Dos carrinhos de... Como ?

M- Vinha, montava uma banca, montava uma banca...

V- Onde essa banca montava?

M- Na rua São Paulo. Tem aqui na rua São Paulo, né? Que cortava a (?) na rua São Paulo, lá na (?) *seu Manoel*, na esquina. E mais na cidade daí tinha várias (?) porque já tinha também os primeiros que já vivia nessa tradição: o seu Francisco, o Severino, a (?) vivia nessa profissão também// o seu Francisco, o finado Orlando, todos esses já viviam com essa profissão. Então foi mais uma profissão que eu aprendi. A matar, né? Eu criava, matava e trazia para comercializar.

V- E eles também já criavam e..

M- E eles faziam isso já.

V- E onde que eles criavam?

M- Eles criava nos sítios lá, porque lá tudo era sítio.

V- Ah é, onde você falou....

M- Como eu falei, lá tudo era sítio. Aí conforme foi crescendo, aí eu cheguei a montar Associação dos Abatedores de Carne Suína, Bovina de Cubatão.

V- Ah é?

M- É, montei uma associação para a gente organizar, né?

V- Muito preocupada porque eu fico querendo // Que isso tem que estar gravado, né? Então assim...

M- Mas aí depois ...

V- Qualquer coisa você me repete! (risos)

M- Não, aí depois você vai marca um dia e você vai até lá // porque muitas coisas você pode levar até em documento.

V- Entendi.

M- Entendeu? Então muitas coisas você vai xerocar, né? Para montar uma história...

V- Olha que bênção, que Deus te abençoe.

M- Você vai montar uma história pra que justamente // eu falei, mas você viu. Realmente o que eu falei está documentado.

V- Claro.

M- Porque se eu falar para você “Olha, eu fiz várias coisas”, você vai falar “Poxa, mas o cara fez tudo isso?”, né? Então, dando continuidade, aí comecei a criar a Associação dos Abatedores e a vigilância sanitária começou a pegar no pé. Só que os animal que havia, que eu criava, tanto eu criava que nem vinha da fazenda. Então eu tinha uma médica que acompanhava os meus animal, né? Uma médica veterinária.

FIM DA FITA (Lado A)

V- Vira ao contrário, né?

M- É.

V- Então, aí você falou que montou a Associação...

M- Montei a Associação, né? Para justamente ter uma qualidade, né? Inspecionada pela vigilância sanitária, para gente ter um mini abatedor na cidade.

V- Mini abatedor?

M- É, um mini abatedor, porque (?) a cidade, que queira ou que não queira era industrial. Mas quem está aqui é pernambucano, é baiano, é mineiro, é gaúcho, então ela é messiclada. Cubatense mesmo, praticamente são quase os filhos só. Tem poucos cubatense mesmo, nascido aqui. Mas quando eu falo nascido aqui o pai, mãe, avô, bisavô // e a história de Cubatão, ela foi no lombo do burro, no lombo dos animais, né? Nós temos aí a história, que era dois situantes que ficava no Largo do Sapo e a área do Largo do Sapo eles transportava as cargas no lombo dos burros, né? Eles vivia disso. E aí através disso, eu montei a Associação dos Abatedores de Carne Suína Bovina de Cubatão. Depois, na sequência...

V- E quem se associou?

M- Todos aqueles que vivia com o comércio de criação de animal. Porque Cubatão nós não temo área rural.

V- Ah?

M- Em Cubatão nós não temos área rural, né?

V- Não tem, né? Reconhecida, né?

M- Nem reconhecida.

V- Não é reconhecida, mas eu queria entender isso.

M- Porque quando fizeram a lei, né? As autoridades esqueceram que Cubatão teria que ter um espaço rural. Vamos supor, você caçava aqui uma área, deixava uma área rural para você criar uma cabra, criar uma vaca, né? Até se a prefeitura, hoje, quiser fazer uma mini fazenda, ela não pode fazer.

V- Não pode?

M- Não pode, porque não tem área rural. Se ela quisesse // eu vou querer construir uma granja, porque granja só para ter em área rural. E ela tem uma área rural que fica lá em cima da serra.

V- Na serra?

M- É.

V- Mas que lugar na serra?

M- Lá junto do São Bernardo, quase na divisa já.

V- Ali não é mata do...

M- É mata, mas lá em cima está na faixa do mapa da cidade que lá é área rural (risos)

V- Lá é rural?

M- Lá é área rural, porque lá ninguém vai criar nada. Então eu discutia muito isso com as autoridades.

V- Discutia?

M- Discutia, eu criei a Associação justamente...

V- E qual foi o ano que se criou essa associação?

M- Noventa e três, noventa e quatro. É, noventa e três, noventa e quatro. Aí o que que aconteceu? Muitos começaram a pegar muito no pé porque mesmo com a associação...

V- E quantos associados você chegou a ter?

M- Tinha vinte e cinco associados que era só as pessoas que realmente mexia com os animal, né?

V- Que criava e matava e...

M- Que criava. Tinha vários, mas os vários não aderiram. Porque aí, por não aderir, a Associação não andou. Porque era eu sozinho e as pessoa dizia “Ah, mas Miúdo está fazendo a politicagem, Miúdo..” Não acreditava. Aí quando pensava que não, chegava lá a vigilância sanitária e os fiscal da vigilância sanitária, aí pra prender os animal, mandava tirar, né? E entrava no ministério público, né? Começava então, vinha no cumprimento da lei, aí tinha que desocupar. Aí dizia “Puxa vida, bem que o Miúdo falava.”, falei “Olha, eu falava, vocês não acreditava!” Porque quando uma comunidade, ela se une em um objetivo, ela consegue, né? Até dentro da lei mesmo, fazer. A promotora, o promotor dizia “Olha, se conseguirem dentro da lei, se passar pela câmara um projeto, nós...” Mas olha, a câmara tem que fazer um projeto de lei, dizer “Olha, essa área aqui é rural. Então nessa área aqui você pode criar, nessa área aqui você pode ter animal. Nessa área aqui você pode ter criações.” E não conseguimos. Mas aquilo ficou sempre dentro de mim. E aí começou outra atividade na cidade. O quê? Cavalo.

V- (risos)

M- Aí me chama “ O Miúdo..”, aí começaram...

V- E como é que surgiu o cavalo?

M- Surgiu porque já é a história de Cubatão e muita gente tem cavalo na cidade.

V- Como assim?

M- E gosta.

V- Porque assim, o pessoal às vezes que eu converso fala: “Começou a aparecer cavalo”. Mas assim, do nada como se for, hoje, começou a criação de elefante, vamos supor. exemplo.

M- Não, né? Porque ele começou...

V- Como é que foi?

M- Porque o nordestino, ele vem de lá, é um vaqueiro. Tem o cara que (?) lá, ele trabalhava como vaqueiro. Então qual era a vida dele? Era no fim de semana estar montado num cavalo, ir para as festa, ir para a vaquejada, né? Então a finalidade do cavalo era esta. Ah, o outro, tem uma carroça, tem uma charrete bonita. Então, a finalidade era essa. E já tinha // não tinha os animal, mas tinha as pessoas que gosta dos animal e eles se sente, né? Faltando alguma coisa dentro dele, porque ele gosta de ter um animal, quem é que não gosta de ter uma galinha no quintal, né? Quem é que não gosta de ter aquilo da raiz dele. A raiz dele é o Norte e pela a raiz dele ele vai precisar de alguma coisa para sistisfazer o ego dele. Às vezes ele está sabendo, olha, “Poxa, eu não posso tem um cavalo de Cubatão, mas eu vou ter que ter um cavalo!”. Porque dentro dele está pedindo que ele tem que ter um cavalo. Porque ele foi criado, veio o pai ensinando ele montar, o pai levando ele para a feira no lombo do cavalo. E aquilo está nele e é uma terapia para o corpo, para a mente. Aí começou. Aí começou, aí justamente e quem veio? A vigilância sanitária para tirar os cavalo da rua. Aí chamaram quem? Miúdo!

V- (risos) O salvador da pátria.

M- Você vê que nunca tinha tido desfile em Cubatão com os cavalo. Nós conseguimos colocar quarenta cavalos no desfile oficial.

V- Que ano que foi, mais ou menos, isso?

M- Olha, eu não tenho na mente, eu só tenho lá. Mas no dia em que você for... Mas é entre noventa... noventa e seis, noventa e sete, por aí assim. Quase a dois mil. Aí criei a Associação dos Cavaleiro de Cubatão. “(?) *que esse cara é doido*”, trabalhei dois anos organizando o povo. Mas no primeiro ano, quando a gente já estava começando, já botamos quarenta cavalo na avenida, desfilando. Isso foi uma

história, ainda levava a cada bairro um evento. Até hoje o presidente da associação é o Eraldo, é o Eraldo que é o presidente, né? Que conhece, né? Que criou. E aí nós andava na cidade, ia para os bairro fazer festa, quando chegava lá, a mãe levava as criança, porque aí já vira (?) . A mãe, ela montou no cavalo, e o filho nunca tinha montado. “Ah, bota aqui em cima do cavalo”, entende? E ficava dando volta. Então tem uma // tem as fotografia também // tem uma história, né? Eu digo “Carambola!”. Aí continuou, eu passei a associação para ele porque eu sempre faço as coisas, eu não faço visando política. Todos nós somos políticos, mas eu sempre faço vendo o lado cultural da cidade, vendo o lado cultural das pessoas, para que justamente amanhã ou depois...

V- E essas festas? Fala um pouquinho das festas.

M- As festas nós ia nos bairros. Então nós chegava na Água Fria, agendava um campo lá com o presidente da Água Fria e era “Domingo a Associação dos Cavaleiros vai estar aqui com os cavalos e brincadeira”. Então tinha cavalo que deitava, cavalo que pulava, cavalo //né? Cada um cavalo fazia uma habilidade, pegava o (?) e vinha na charrete. Então era um dia de lazer, a finalidade prá justamente educar eles na cidade, criar um regulamento dizer “Olha, não pode andar tal hora, não pode andar na avenida Nove de Abril, não pode deixar o cavalo solto, tem que ter um médico cuidando, então um veterinário cuidando do animal” então, tudo isso para se organizar e dar até // gerar emprego! Porque você vê nas outras cidades, um cavalo, uma charrete// você vai numa cidade do interior, você vai pagar para andar de charrete.

V- De fato. Tem razão

M- Certo? Você vai pagar para andar. Você vai chegar lá, o seu filho, seu esposo quer dar uma volta “Ah, vamos dar uma volta aqui na cidade.” Em vez de estar de carro, que carro (?) semana. Então, vamos num transporte diferente. Então, foi criada com essa finalidade. Mas aí o que é que aconteceu? Aí depois eu deixei na mão deles, porque eu não gosto de fazer política com nada daquilo que a gente monta socialmente e culturalmente. E a política é uma seqüência da vida. A política nós tamos (?) ela todo dia, né? Aí começaram lá e eu falei “Ah, então está bom.” Aí me expulsaram como presidente porque eu não pagava a taxa de sócio. Olha, eu criei, trabalhei, investi.

V- Ah...

M- “Ah, vamos caçar o presidente”. Eu digo: “Cace o presidente!” Aí caçaram o presidente.

V- (risos)

M- “Caça o presidente!” Eu já tinha, assim, atingido aquele objetivo. Lógico que eu daria seqüência, mas eu daria seqüência sempre naquela mesma linha, organizando. Aí fala “Poxa vida” // Aí agora está todo mundo: “Mas rapaz, parou os eventos, parou isso” porque sempre eu pego uma coisa e eu levo até o final, né?

V- Tá.

M- Se alguém achar que eu estou errado, também se questionar e for tomar de conta, né? Mas eu não crio nada para mim, eu crio para a cidade. Aí parei. Deixei de mão e agora, né? Aí eu fui em 2001, aí eu parti para outra área. Quando uma começa área ruim, eu vejo que está fraca, eu digo “Peraí, deixa eu quebrar a cabeça em outra atividade”. Falei “Vamos ter uma Associação de Rádio Comunitária.” Aí agora...

V- (risos) Uma figura.

M- Nós trabalhamos com a Rádio Comunitária, né? Justamente para divulgar os trabalhos da cidade, os trabalhos do bairro, né? Conscientiza a população, pegar as crianças para ler a Lei Orgânica, ler a Constituição, ler o Estatuto da Criança e do Adolescente. Então criei uma rádio comunitária como ela deve ser, comunitária para a comunidade.

V- Tá

M- Entendeu? Então fica lá os programa, né? E quando eu chego, eu vou lá estar fazendo todo aquela trajetória para que justamente a comunidade // Hoje eles fala “Puxa, tudo o que Miúdo põe a mão dá bons fruto.”, né? Porque, às vezes, o pai e a mãe vê lá a criança lendo uma constituição// Quem já imaginou, uma criança com dez anos, onze anos, ela chegar ali estar sabendo os direitos dela. Lógico que ela não vai entender, mas ela tem que saber que um dia // e ela deixa registradozinho o nome dela lá no livro, a idade// que um dia ela leu aquilo ali. E um dia, se ela errar,

ela fala “Poxa vida, eu errei porque eu quis. Mas aqui eu sabia, o Estatuto da Criança, o Estatuto do Adolescente, do Idoso”. Porque nós temos que dizer para uma criança que amanhã ela vai ser idosa.

V- Está certo.

M- Agora nós engajemos numa outra campanha que é a da dengue, né? Hoje eu estava, ontem e hoje, começou de dezessete a vinte e um. Chamei todos os presidentes da Sociedade Melhoramento. Eu não sou mais o presidente da Sociedade Melhoramento.

V- Não é?

M- Não sou. Todo mundo que me chama, mas aí me chama eu vou lá ajudar. Chamei todos os presidentes, só que quem está indo lá sou eu. Aí nós ficamos (?) que é essa campanha aqui que nós estamos fazendo.

V- Ah tá. Da dengue.

M- Da dengue. Então esta é uma pequena história da minha vida de quando eu vim do Norte para cá, né? Aí tem mais, ainda tem os seis filhos, quatro netos...

V- Você casou quando?

M- Em 1980. Eu não casei não, sou solteiro.

V- Ah é?

M- Sou solteiro.

V- (risos)

M- Só tenho seis filhos e quatro netos.

V- Seis filhos e quatro netos. E você conheceu a sua esposa aonde?

M- Eu conheci ela trabalhando na área da Cosipa.

V- Ah. E ela trabalhava também lá?

M- Ela trabalhava lá na Cosipa.

V- Ah.

M- E eu conheci assim sabe? Eu sempre fui meio dinâmico, e passou um dia de trabalho eu falei assim “Olha, se essa mulher fosse solteira e quisesse casar comigo, eu levava ela para o barraco.” Eu já tinha um barraco no Pica-Pau.

V- (risos)

M- Aí quando eu cheguei // morava eu e meu irmão, né? Quando eu cheguei no outro dia, chegou um rapaz e falou “Olha, aquela mulher que você falou que se fosse solteira e você fosse solteiro // ela está sozinha. E se você quiser ela vai para o seu barraco.” Eu falei “Então toma a chave” eu peguei e dei a chave..

V- Nossa! (risos)

M- É uma história, assim, que você não acredita. Aí cheguei em casa está ela, a mãe e uma filha.

V- Vixi

M- Que ela uma filha mais velha que é por // Quando ela fez quinze anos eu falei “Olha, se você quiser que eu registre você como minha filha, aí eu boto meu nome em seu registro de nascimento.” Ela falou “Quero!” Aí quando ela completou os quinze anos, né? Hoje ela é casada, ela me chama de pai, né?

V- Olha, que maravilha.

M- Então porque, justamente, a trajetória de uma família. Eu já peguei uma filha, que já tinha, na época seis anos, né? E ela hoje é a filha que me dá orgulho.

V- Que bênção!

M- Não é filha do meu sangue, mas é filha do meu documento.

V- Claro.

M- É mesmo como se fosse minha filha. A coisa que mais me impressionou foi um dia, ela estava diante do pai dela, ela falou “Olha, o senhor é o meu pai de sangue, mas esse aqui é meu pai verdadeiro, que me criou, o meu pai que me deu nome. Este é o meu pai.”

V- Olha!

M- Ela falou para o pai dela assim. Então aquilo ali, para mim...

V- Foi tudo.

M- Né? É tudo isso. Então eu tenho mais seis filhos, três filha e três filho, né? E os quatro netos que eu já tenho agora.

V- Que bênção.

M- E a gente vive junto. Sou separado da mulher já tem dez anos...

V- Tá.

M- (risos) Nós somos separados tem dez anos e moramos no mesmo terreno!

V- Nossa e conseguem? (risos) Vivem bem, né?

M- Vivemo bem. Porque, veja bem, quando eu me tornei uma liderança, uma pessoa, eu sou muito chamado, entendeu? Estou num canto a pessoa me chama para outro, eu estou num canto a pessoa me chama para outro. Então // e ela achou que tudo que eu estava fazendo, para ela, eu estaria com uma mulher. Ela não sabia // Não é eu que quero, é uma missão que me dão, né? Eu não sei de onde vem, se me chamam eu tenho que ir. E eu estou vendo que eu não posso voltar. Se eu voltar, eu perdi aquilo que eu me tornei. Ainda que eu queira voltar, às vezes eu paro e penso: “Poxa vida, às vezes eu vivo mais para os outros do que para mim.”.Mas eu vivo satisfeito, vivo alegre, vivo contente, então// Eu acho que não tem coisa melhor do que você se viver satisfeito com aquilo que você faz. E eu saí do Norte, né? Eu sofria muito, fui criado praticamente sem pai e sem mãe, mas eu aprendi a viver na vida. E agora, hoje, eu estou ensinando aquilo que eu não fui ensinado.

V- Entendi.

M- Entendeu? Então eu ensino, se eu contar e se você sentar, tem que ser um dia, né? Para você ver toda a trajetória. Em quem você chegar aqui na prefeitura e perguntar “Miúdo?”, tem aquele que vai dizer “Olha, Miúdo é sem futuro, Miúdo não presta”. Mas porque alguma coisa de boa eu já fiz para ele. Né? Porque a gente não vai agradar cem por cento. Eu sou verdadeiro. Se você estiver errada eu vou dizer

para você, olhando nos seus olhos, “Você esta errada, Vilma”. Se eu estiver errado você tem que dizer “Miúdo você está errado”. Não adianta você depois que sair daqui, você dizer em tal lugar. Então esta é a essência do cidadão. É a essência do ser humano, ele tem que olhar um para o outro e dizer “Olha, está errado aqui”. Então tem essa dinâmica com os prefeitos que está, com os outros prefeitos que passaram. Então eu sou meio polêmico, mas sou um polêmico com visão para uma cidade melhor, para um país melhor, para um estado melhor, para tudo melhor, porque quando eu for embora eu sei que alguém vai cultiva aquilo que eu deixei plantado.

V- Sim, vai continuar o que você iniciou, né?

M- Iniciei. Aquele que falar “Poxa, olha, às vezes nós não fizemos tudo o que o Miúdo falou, mas ele falou para gente fazer. Tentar, pelo menos, fazer.” Porque não custa nada você tentar, não custa nada você sonhar.

V- Sim

M- Agora não custa muita coisa se você quiser fazer a ferro e fogo e pontapé. Vila Esperança, hoje é que eu estou fazendo coisas de bloco. Todo mundo já tinha feito. Agora que eu estou começando depois de vinte anos. Eu planejei Vila Esperança, adonde eu moro vinte anos, eu agora estou planejando para quem? Para os meus netos, porque meus filhos já estão criados. Então cada o filho tem um lugar para ele morar. A área não é minha, não. A terra não é de ninguém. Alguém // *alguém faz* um documento para ela. Porque se fosse dono todo mundo, então quando morresse, levaria com ele.

V- (?)

M- Não é isso?

V- Sim.

M- Então, veja bem, nós temos uma lei que os homens criaram, que justamente para o que é meu. Lógico que vem de muitos anos, mas todo o ser humano, todo o cidadão, ele tem um espaço garantido por Deus na Terra. Quando Deus chamar, vai ter uma gaveta. Aqueles que vai para a gaveta, vai para a gaveta, e aqueles que não for achado? Para onde vai? Então, tudo isso são coisas que a gente temos que estar

passando para geração em geração, porque você vê o mundo, hoje, ele está, quanto mais se aperfeiçoando a tecnologia, mas esquece a cidadania do dia a dia de cada ser humano. Porque não adianta dar para uma criança, hoje, um celular. E se ela chega em casa, no outro dia e não tem um pão para comer? Não adianta dar uma televisão colorida, se na casa dela não tem um leite para ela beber. Então eu acho que tem que fazer o quê? Dividir a tecnologia com emprego, o salário digno para cada cidadão, né? Porque todo o cidadão vai ter aí o seu pãozinho, né? E ensinar, ensinar que um pão e um bolo bem feito é o mesmo valor de uma espiga de milho ralada no ralo e feito um mingau para a criança comer. Às vezes é mais forte do que aquele pão que foi feito com fermento. Porque às vezes as pessoas falam: “Poxa, mas vamos voltar ao passado?” Não, mas o passado é o presente. Porque você tem uma história dos seus pais, dos seus avós do seu bisavô. Ou não tem?

V- Tem.

M- Você tem?

V- Tem.

M- Que queira ou que não queira, amanhã ou depois, uma comida que seu bisavô comia, ela vai satisfazer você hoje, depois de muitos e muitos anos, do mesmo jeito que fazia o seu bisavô.

V- Sim.

M- Então é isso é o (?) Você fala: “Mas o passado” , Não, o passado está presente. Nós não podemos justamente esquecer o passado, para justamente o presente estar sempre coligado com o passado. Porque você não pode esquecer o seu pai, não pode esquecer a sua mãe, sua avó, sua bisavó e hoje está se perdendo. Hoje você vê o jovem passa por junto do pai, passa no meio.

V- É. Espera só um momentinho.

CORTE NA FITA

V- Então, continuando...

?- Com licença (?)

M- Boa tarde

?- Boa tarde (?)

V- (risos) Então, só para fechar, você falou bastante da sua trajetória, né? De vida profissional, que você começou a criar o porco, que você fez o pão, né? Aí montou a Associação dos Cavaleiros, né? Isso aí a gente vai ter que voltar um pouco, agora nessa semana ou semana que vem, rapidinho, assim, para a gente tentar entender, né? Porque eu gosto de conversar com calma.

M- Vamos para ali, vamos sentar ali que aquele (?)

V- Vamos. Então, mas Miúdo, assim, voltando a essa questão da Associação, você me explicou, você conseguiu me explicar por que que surgiu o cavalo, né? Aqui, porque as pessoas gostam, as pessoas tem raiz, né? Agora, tem um problema com a prefeitura, né?

M- É, o problema é justamente// não é com a prefeitura, é com as leis da prefeitura. O prefeito é a favor, é só depende da câmara entrar com um projeto de lei que essa área aqui seja rural. Então, se esta área for rural, pode-se criar. Porque aí tem como você prender // você não pode prender o cavalo, porque não tem a lei.

V- Sei.

M- Entendeu? Então o problema com a prefeitura é justamente esse, porque ela não tem nada dentro da lei que ela possa prender, que ela possa...

V- Mas quem criou essa lei?

M- Porque ela não existe.

V- Não existe?

M- Não existe.

V- E por que que não se cria essa lei?

M- Justamente, porque falta uma pequena vontade deles. Porque quem é que tem que criar a lei? É eles! Eles tem que criar uma lei que realmente permita que as pessoas possa criar. Se não tiver a lei que esteja permitindo você criar, você tá

criando clandestino. Aí quando é denunciado, você tem que fazer o que? Simplesmente ir lá e dizer “Olha, eu estou criando uma coisa clandestina, porque a cidade não está dando estrutura para que ela tenha, dentro da lei, um espaço para que possa ser criado. Então o problema na prefeitura é esse, é falta de lei para amparar o cidadão.

V- E aquela lei? // Porque me falaram que é uma lei de oitenta e três, que é essa proibição que o cavalo não pode circular. Eu preciso ver essa lei.

M- Eu tenho lá no// Eu acho que eu tenho lá // Quando eu montei a Associação, quando eu montei a Associação eu peguei, né? Que eu fui buscar tudo da lei. Porque a lei que eles estão aí, justamente // eles criaram uma lei para você não tráfegar na cidade.

V- Tá.

M- Então quando eles criaram a lei, mas já existia os animal. Quando eles criaram a lei já existia as pessoas que gostam dos animal. Só que eles criaram a lei porque para que o cidadão // é mais fácil de dizer não do que dizer sim. Você chega na minha casa com um problema, eu digo não para o seu problema. Mas seu eu disser “Vamos tentar resolver” eu vou ter um pouco de trabalho para resolver o seu problema.

V- Claro.

M- Mas se eu disse “Olha, não quero nem saber”. Talvez eles cria a lei para não assumir aquilo que eles são. A nossa cidade ...

V- Perfeita a sua colocação.

M- Certo? A nossa cidade, ela tem que ter uma lei para ajudar o cidadão. Ah, no centro não pode. Mas se você tem uma lei que lá no ponto final da Vila Esperança tem uma área rural e todos os animal tem que estar lá, aí está dizendo “Olha, você tem o seu espaço para você usar. Só que você não pode usar no centro da cidade.” Mas você tem um local para você usar. Então quando você tem não tem um local para você usar, então você pode usar em qualquer lugar, porque você está clandestino.

V- Entendi.

M- Entendeu? Porque toda cidade tem um espaço, você em Praia Grande, na beira da praia, usa-se uma vaquejada. Itanhaém tem, Manganguá tem, São Vicente não tem // onde corre os cavalos, como é que é o nome?

V- O Jockey?

M- O Jockey. Então aqui está um (?). Então vamos supor que esse *cartão* daqui é um espaço para os cavaleiros, “Olha, cavalo só pode ser criado no sítio, na cidade, nada”. Mas como não tem lugar para // você não pode nem criar nem no sítio, nem na cidade, então deixa ele clandestino na cidade. Porque tanto foi ele estar aqui na cidade que nem tem lá no sítio. É a mesma coisa.

V- Está tudo clandestino.

M- Adonde ele estiver ele está clandestino.

V- E você acha que aqui tem local para...

M- Tem!

V- E depois eu quero conversar com você sobre isso, porque para a gente pensar em alguma coisa nesse sentido...

M- É, justamente porque tem ...

V- Para entender também a realidade, sabe?

M- Porque você vê, tem um projeto de lei que deve estar tramitando, que é obrigatório todo o município ter uma terapia animal para crianças especiais.

V- Sim.

M- Né? Então, por que existe o horto? O horto existe porque lá está os animal, o parque ecológico, lá está // Você pode ter medo de uma babuleta, mas pode não ter medo de um elefante, e aí? Então você vai ter que conviver com o elefante e com a babuleta, para você, a sua mente, a sua mente, ela se adaptar a uma babuleta. Porque que bicho sensível é uma babuleta? Mais perigoso é um elefante ou uma babuleta? Claro que é o elefante. Mas às vezes você não tem medo de um elefante,

mas tem medo de uma babuleta. Tem uma senhora lá, que trabalha comigo na rádio, ela pode ver qualquer bicho...

[Buzina]

?- (?) (risos)

V- Continuando aqui!

?- Tá bom.

V- (risos) Obrigada!

M- ... pode ver qualquer bicho, mas se ela ver uma babuleta, ela desmaia. Você acredita nisso?

V- É mesmo?

M- Uma babuleta. *Assim*, dentro da rádio, entrou uma babuleta amarelinha lá, essa mulher deu um grito que eu pensei que tinha caído ou ela tinha tomado um choque. Cheguei lá dentro, uma babuleta que chegou, entrou e pousou. Agora você vê, então na nossa vida, nós temos que adaptar a todos os segmento. Porque, você vê, se fosse uma cobra ela não tinha medo, se fosse uma barata ela não tinha medo. Então ela tem que se adaptar a perder o medo de uma babuleta. Porque uma barata não é pior do que uma babuleta?

V- Com certeza.

M- Você vê, ela não tem medo da barata, mas tem medo da babuleta.

V- Senhor.

M- Então eu estou te falando isso para você chagar// pega uma babuleta e passa por perto dela. Se ela ver a babuleta, ela faz de tudo para se esconder. Então é a nossa cidade, eles se esconderam de uma coisa que a cidade tem raiz. Porque a cidade de Cubatão era rural. Ela era rural e ela continua, sempre, sendo rural. Por que? Porque a maioria que está aqui são nordestino. O camarada não cria um bode aqui, mas ele cria na cidade vizinha. E aí?

V- (risos) É, de fato.

M- Então você vê que a cidade está excluindo a própria cultura dela. A própria cultura dela, porque aqui // isso aqui era tudo bananal. Isso aqui o gado andava no meio da rua, falava os antigo morador de Cubatão, né?

V- Sim.

M- Porque eu convivi muito com eles, com seu Chicão, que conheceu do primeiro prefeito, de como a cidade era. Então, o que eles fala está tudo em documento. Porque a cidade já era um povo colono, era um povo rural, era pessoas que sobrevivia de quê? Do lombo do animal. Aí você *ouve* lá: “Ah, Cubatão não pode ter um cavalo. Ah, Cubatão não pode se criar uma vaca para tirar o leite. Ah, Cubatão não pode se criar um bode, não pode se criar uma cabra. Cubatão só tem que ter indústrias.” Não, ela tem que ter indústrias, mas tem que ter ali// você pega o espaço, cria uma mini fazenda, ela gera renda e gera terapia para aqueles que, às vezes, estão aí agoniado com a sua mente “Ah, vamos ali na fazenda buscar um litro de leite.” Só que ali na fazenda tem que ter um veterinário, tem que ter a comida balanceada, cuidada e tratada. Não ter por ter, tem que ter a coisa organizada dentro da lei. E aí quando você não organiza dentro da lei, tão aí os bairros cota, está aí Vila Esperança.

V- É, tem os bairro cota, Vila Esperança

M- Tem a Vila dos Pescador. Aí acontece uma tragédia, por que aconteceu a tragédia? Porque eles não se preocuparam em pranejar a cidade. Mas não adianta dizer: “Hoje nós vamos pranejar a cidade.” Hoje não, a cidade já tem que estar sendo planejada. Há vinte anos. Porque há vinte anos eu entrei aqui dentro desse bloco cultural e disse para o prefeito, na época, que ele estava errado. Mas levou vinte anos para ele entender que ele estava errado. Porque se ele tivesse me escutado há vinte anos, hoje não estaria errado.

V- E não estaria essa dificuldade, né?

M- Essa dificuldade. Então hoje, o maior arquiteto, o maior urbanista, ele não consegue dar uma dinâmica nessa cidade. Porque ela está feito uma casa de marimondo: ela está lá quietinha, não está quietinha? Se você passar e balançar o galho, ela não vai te morder. Mas se você balançar o galho, vai sair dali de dentro um monte de marimondo que vai lhe morder. (?) pegou fogo na casa dos pescador.

V- É, pegou fogo lá na Vila dos Pescadores.

M- Pegou fogo lá. Aquele fogo lá já estava previsto? Claro que estava previsto, porque é tudo de madeira, fiação *a bangu*, então aqui, *tipo*, passa-se quatro anos, mais quatro anos “Ah, estamos tentando arrumar.” Mas enquanto estamos tentando arrumar, os quatro anos, se você partir para uma dinâmica, tem muito dinheiro sobrando, busca um projeto social, vai constrói uma república com cem casas. De quem é? Do município. Para quem é? Para atender qualquer emergência no município. Aí acontece uma emergência no município, você vai colocar aonde? Ah, no colégio. No colégio tem as crianças estudando. Ah no poli esportivo. No poli esportivo é os atreta. Então a cidade// Quando eu estava no Norte, eu ia para o Sul cortar cana. Chegava lá no Sul tinha cinqüenta casas, uma atrás da outra.

V- No Sul de Pernambuco?

M- No Sul de Pernambuco. Nas usina! Isto, né? Há quarenta anos passado. Quando a gente chegava lá “Está aqui, olha, sua casa, seu fogão, sua cama, o lugar para amarrar sua rede, para armar sua rede, então você estava ali.

CORTE NA FITA

V- Então continuando. Você estava falando da Vila dos Pescadores que aquilo tudo já era **[falha na fita]** por causa de uma falta de planejamento, de vontade política, né? Que não atende a necessidade da população.

M- Não atende. Aí Vilma, o que que acontece? Veja bem, depois que o fato acontece, aí querem tomar providência. Só que é uma providência (?). Eu sempre falo. Na área da saúde se reúne as cinco esfera, né? Para dar uma boa saúde. Prefeito, câmara, polícia, porque aí envolve tudo na área da saúde, é uma segurança. Na área da segurança envolve as cinco esfera e a comunidade. Então o que que acontece? Justamente, quando as autoridade, ela se aglutina para buscar uma qualidade de vida melhor, ela traz saúde, traz emprego, traz segurança, traz tudo aquilo que o cidadão precisa. E traz o principal: é a ordem e o progresso. Porque depois que a coisa estiver complicada, não adianta querer resolver. Porque você só vai lidar com uma população que está inflamada e não vai resolver o caso. Nós temos a Água Fria. A Água Fria nós tem população lá que já tem quase trinta anos morando lá. Aí chega lá um cidadão e fala “Vamos tirar aquele povo de lá.”

Colocar aonde? Dar a ele um bloco público para ele pagar // Ele já está há quarenta anos no local. Então vai botar mais vinte e cinco anos, trinta anos para ele ficar pagando um predinho do CDHU. E lá ele está acostumado lá a criar uma galinha. Quando não tem a mistura, ele vai lá, pega um ovo, frita, come.

V- Tá.

M- Ele vai lá, mata uma galinha. Chega uma visita, ele não tem o dinheiro para comprar a mistura, ele mata uma galinha, um frango, ele come. Então ele // ele não está dependendo só do salário. Que quando tem é bom e quando não tem? A nossa cidade é uma cidade das mais ricas, mas se nós analisar, ela é a mais pobre. Porque mais pobre? Porque ela tem muita lei e a lei não favorece o cidadão. E quando a lei não favorece o cidadão, ele fica travado. Aí eu não posso criar um porco porque a vigilância vem sanitária e me prende. Aí eu não posso criar um cavalo às vezes para ir a um passeio, porque vai ser preso. Mas e eu tenho o dinheiro para pagar o carro, a condução? Aí ele vai vir aqui fazer o quê? “Ah, você é vereadora, me arruma aí o dinheiro da passagem”. Você arruma o dinheiro da passagem um dia. E quando pensar que não, ele se torna um vício. Aí depois ele vai vir para você pagar a conta de água, ele vai vir para você pagar a conta de luz, ele fala “Puxa, mas minhas criança queria ir na quermesse *com* um brinquedo. Eu não tenho dinheiro. Puxa dá para você?” Então se torna um paternalismo que depois não tem como desafogá-lo. Então qual é o primeiro passo? Emprego e um salário digno para cada cidadão ou cidadã maior de dezoito anos. Ah, o jovem está dando problema? Está, então vamos pegar quem está aposentado e abrir um espaço de capacitação para o jovem. “Você gosta de ser o quê?” “Ah, eu queria ser soldador.” “Então está bom. Está aqui fulano de tal que vai lhe ensinar você a soldar. E você, qual é o seu dom? O que é que você gostaria? Está aqui, olha, soldador, carpinteiro, eletricista, encanador, marceneiro, serralheiro.” Porque todo mundo não vai ser advogado. “O que que você quer?” “Quero essa função” “Então está aqui, vai aprender”, Três meses de curso ganhando um salário. Ganhando um salário! Mínimo, para estudar e aprender uma profissão. Terminou, (?) empresa. Aonde é? “Olha, está indo um jovem aí que se qualificou com seu certificado, dá um pequeno teste para ele, vê se ele está aprovado.” Bota ele na empresa. Você começa // Sabemos que é difícil, claro que é difícil! Mas se planejar, você vai alimpando a cidade. “Ah, não tem como criar emprego não.” Então vamos pegar esse espaço

aqui e criar um espaço turístico para atrair os turistas. “É o que?” Então aqui você vai gerar duzentos, trezentos emprego, informal ou formal, mas organizado. Vende um cachorro-quente, o outro vende lá uma rapadura, o outro vende lá uma tapioca, o outro vende um caldo de cana. Não pode você vender tudo não, cada um vende uma coisa. Que aí você faz um ciclo de emprego. Gera. No meio-ambiente, então vamos criar as trilha. Jovem, jovens em vez de estarem aí ansioso a trabalhar// Ah não, quando o jovem está ansioso vai lá numa empresa para trabalhar. “Em que você já trabalhou?” “Em nada” “Que que você já fez?” “Nada”. Porque você pergunta para ele, ele vai lhe responder o quê? Nada. Porque ele não sabe de nada.

V- Não tem experiência nenhuma.

M- Chega no colégio, você pode parar aí na frente desse colégio aí, sete oito e meia da noite. É tudo jovem adolescente, dezessete, quatorze, quinze, dezessete, dezoito, e pergunta pra ele “Você conhece a sua cidade?” Aí ele vai dizer assim: “Não.” “E o que que você acha da sua cidade?” Ele já vai falar “Ah, a minha cidade não presta. A minha cidade não tem isso.” Mas ele não vai falar que ele não faz que a cidade dele tenha tudo isso.

V- Não vai atrás, né?

M- Porque se ele fizer com que a cidade dele tenha tudo isso, será a melhor cidade. Porque a cidade quem faz é você que mora nela. É cada um da população. Então você deixa ela *a bangu*, cada dia mais é que nem está o negocio do país hoje, você vê aí a violência do país. Por que a violência está assim? Porque deixaram o formigueiro crescer, deram muita asa e hoje querem cortar asa. E consegue cortar? Não consegue cortar a asa. Hoje o dono de casa sai preocupado, o empresário sai para a empresa dele, sai preocupado. Porque você está vendo o que está acontecendo e tudo é mídia, televisão, televisão, televisão. Então eles estão vendendo aquilo próprio que o país criou, que não era para estar vendendo. Você liga a televisão está lá a moça sendo julgada. Isso aí ninguém fala. Não, está lá, quando ligar a televisão tem que estar lá um programa educativo. Como se gera um emprego, né?

V- Sim.

M- Como cidadão amanhã ele tem que respeitar o outro. Quando você liga a televisão hoje, os maiores canais, é o que? Aí o cara fala “Mas o Datena fala a verdade.” Não. Ele ganha para fazer aquilo que o povo não está entendendo, que está sendo uma miséria do que ele está falando, porque se aquilo está escondido// O preso, quando sai do fórum, sai a polícia, sai rasgando, todo mundo sabe, mas foi um preso que saiu do fórum. Saiu, tem que entrar e sair sem a população saber qual foi o dia que teve o julgamento, qual o foi o dia que teve tal coisa porque a cidade// mas ela sabe, todo dia às cinco e meia sai o julgado do fórum.

V- É mesmo?

M- Aí a ambulância sai rasgando com dois carros de polícia “Uau uau uau uau uau uau”

V- É assim?

M- Você está dizendo que, que está dizendo, que está ali de dentro? Então você chega lá fora do fórum, está todo mundo guardando a porta do fórum adonde é a justiça. Mas tem que estar cercado, trancado para você não poder passar. Porque criaram, as cabeças pensante, as autoridades do país criaram tudo isso. E hoje, através do que eles criaram tudo isso, Vilma, o que que acontece? Querem dar reviravolta. Não vai, não vai conseguir. Por que não vai conseguir? Porque a população já se aviciou demais. Então vai ter que dar um choque para trazer ela para a ordem. Qual é o choque? Você bota aí todas as lei e as autoridade na rua, aí vai começar o país a se organizar. Porque você, hoje, não se sente // Quando você está num canto, você olha pra lá e para cá, quem é que está vindo, quem é que está indo; quem é que está passando; se você conhece, se você não conhece. E hoje tudo o que a gente vê, a gente há trinta anos não via, há quarenta anos passado não via. Mas era (?) não. Quarenta anos era mesma realidade de hoje. Quando eu cheguei em Cubatão essa árvore estava plantada. E ela está aqui hoje, ela só tem uma idade, mas ela está aqui. Hoje você vem e planta aqui as árvorezinhas pequenas. Quando é depois de amanhã, as árvores não tem mais nenhuma, aquelas proteção (?) já arrancaram tudo. Quem arrancou? E ninguém viu? Ninguém sabe? Claro que sabe. Mas deixaram fazer. É o nosso processo de Vila Esperança, da Água Fria, da Cota. E o povo não tem nem *comentado*. Sabe o que é você morar

num bairro de vinte mil pessoas, ter setenta caminhos e não passar um carro? Aí eu na minha casa guardo dez carros.

V- É mesmo?

M- Eu, na minha casa, passa uma estrada que passa um carro desses, vai faz o balão no meu terreno. E todos não tinha esse terreno? Todos tinha. Todos disseram “Não, vamos vender para ver se nós enrica” Enricaram? Não, estão pior do que eu. Por que estão pior do que eu? Porque os filho do bairro tudo se perderam. E os meus eu plantei e pedi a Deus, primeiro a ele: “Cuide da minha família, que eu vou tentar cuida dos meus vizinho.”

V- Fez bem.

M- Não é isso? Eu planejei. Quando eu falo essas história, todo mundo fala “Pô Miúdo” Não, porque se você plantar um pé de árvore, cultivá-lo, ele vai dar bom fruto. Agora se você não cultivá-lo, se você não organizá-lo...

V- Está na Bíblia, né?

M- Você deixou // plantou o pé de batata “Ah, vamos deixar aí.” Batata é que você coloca no chão, deixa ela enramar que ela faz uns brotinhos. Porque ela já é batata e já é enramada. Mas outras coisas tem que cultivar, tem que zelar, para que faça coisa. Então, nossa, // principalmente nossa cidade, era para ser uma cidade mais melhor. Porque ela não está melhor? Porque por coisas simples, coisas simples que não são difícil de fazer, a lei não deixa fazer.

V- É.

M- Nós tinha uma creche, na Vila Esperança, que atendia cinqüenta criança. Aí a creche foi fechada dentro da lei. Mas lá tem vinte mil pessoas que está irregular, fora da lei. Mas o cidadão chegou no Ministério Público, enfiou uma representação, porque a creche não tinha um filtro.

V- Um filtro?

M- Um filtro. Aí a moça que dirigia a creche foi lá, contratou um advogado, depois veio mais outro, // Eu sei que ela contratou cinco advogados. E eu cheguei para ela e falei “Senhora, a sua creche vai se fechada!” “Não vai” “Vai.” “Não, porque eu faço

um trabalho social...” “A senhora pode fazer o melhor trabalho social, mas a lei diz que ela tem que ser fechada. Porque o cidadão reivindicou, dentro da lei, que sua creche fosse fechada porque não tinha um filtro d’água.” E o cidadão do próprio bairro. Se o cidadão tem ido lá e comprado o filtro...

V- Tinha feito melhor, né?

M- Não tinha feito melhor? Mas ele achou melhor, para aparecesse, politicagem. Quem perdeu? As criança. Então você vê lá, nós temos curso de inglês, patrocinado pela Terracom há cinco anos...

V- É? Que beleza.

M- Temos vinte computador, patrocinado pela Petrobrás (?) Governo Federal, agora estamos montando uma biblioteca. Temos uma rádio comunitária, que sabemos que está fora da lei. Eu sei que ela está fora da lei, eu tenho consciência, mas é fora da lei que eu estou tentando dar o que a lei não dá.

V- Claro.

M- Porque se a lei fosse lá, me visitasse, olhasse meu trabalho, olhasse tudo que eu faço, diz “Está aqui uma permissão para que você faça, como cidadão, um trabalho aqui. Está aqui. Tome, uma carta. Tome uma autorização.” Mas ela pede tanta documentação para mim botar ela dentro da lei, que não compensa fazer tudo aquilo que realmente é preciso dentro da lei.

V- Inviabiliza, né?

M- Inviabiliza. Então eu sei que eu estou fora da lei, mas eu estou me baseando em quê? Eu estou me baseando no meu nome, estou baseando na minha comunidade, estou me baseando nas autoridade, que estaria para favorecer a ordem e progresso e estou munido de documento, porque se eu for preso amanhã “Ah, estava com uma rádio pirata.” Mas não era pirata, pirata é aquilo que eu sobreviveria dela e não faria nada para a comunidade. Só de fotografia eu tenho aí três álbuns com quatrocentos e oitenta fotografias.

V- É?

M- Da história do bairro. De cada criança que faz uma coisa, de cada criança que aprende a idéia de uma coisa. Sei lá, temos três livros no bairro.

V- Parabéns.

M- Porque um dia um delgado chegou para mim, eu com toda a minha inocência, e eu tinha guardado um objeto do cidadão. Mas eu guardei, você chega “Miúdo, me guarda esse gravador.” Eu vou guardar. Se daqui a dez anos você me pedir esse gravador, eu tenho que dizer o quê? “Olha, Vilma, seu gravador está aqui.”. Se ele estiver empacotado, eu não sei o quê que é, não vou abrir, não é meu! E era uma máquina fotográfica roubada e eu assinei um 180, receptação.

V- Misericórdia!

M- E eu cheguei para o delegado, tem mais de dez anos passados, tem mais de dez anos que eu ainda tenho o código penal em casa. E perguntei para ele “Mas doutor, o que é isso que eu estou assinando?” ele disse: “Você é um ladrão”. “Mas doutor, eu sou um ladrão?” “É”. Está bom. Mas e eu pedi as informação e ele não me deu. Eu saí batendo na cidade, na cidade não tinha nenhum código penal, eu fui em Santos, comprei um. Está lá. Eu já tinha mostrado eles para varias autoridades aqui. Está aqui, olha. Eu meleí meus dez dedos inocente, porque o cidadão que estava na cadeira, ele tinha um diploma, ele achou que eu tinha que assinar. Todos eles já foram embora. E eu estou aqui. E o código está lá, o código penal está lá. Eu digo “agora eu vou criar minha filha.” Então eu passei por umas barreira, mas as barreira que veio foi mandada por Deus para eu ir aprendendo.

V- Entendi.

M- E hoje eu chego junto do prefeito, falo para ele, se for governador eu chego e falo, se o coronel da polícia vier aqui (?) eu falo para ele. Porque eu tive que aprender aquilo que eu não aprendi, que eu não tive oportunidade// E eu só sei ler, sabe até o que? Até a quarta série. Nem escrevo bem, nem leio bem. Mas eu faço um trabalho, não é porque eu quero fazer. É porque alguém toca dentro de mim e diz assim “Você vai ter que fazer e vai ter que aprender e vai ter que falar!” Então toda a trajetória do meu bairro, da minha cidade, que adonde eu chegava // Hoje você chegando em qualquer canto da cidade, se você perguntar ‘Você conhece Miúdo?’ Alguém vai dizer que conhece.

V- Sim.

M- Porque // Não é porque eu quero, não é porque eu quero ser melhor do que os outros. Eu não sei, eu só sei que eu tenho uma missão. Quem me determina e quem me dá ela...

V- É Deus, né?

M- Não é isso? Se eu fosse outra pessoa, eu estaria conversando com você esse tempo todinho?

V- Pois é.

M- Se eu quisesse, estaria?

V- Eu acho que // difícil alguém...

M- Difícil alguém ia parar junto de você para, justamente né? Porque eu quero // Não! Se a gente dizer “Olha, meu Deus, vamos até lá, eu vou te mostrar.” “Miúdo, tal dia eu vou vim.” Um cidadão lá da Cantareira, da Serra da Cantareira, ele está fazendo faculdade de radiofônica. E ele bateu todas rádio comunitária para fazer um trabalho de rádio comunitária na faculdade.

V- Interessante.

M- No estado de São Paulo. Ele chegou lá, aí o presidente da ABRASP falou “Olha, você vai procurar um rapaz um Cubatão e você vai conhecer ele e você vai lá na casa dele. Ele vai te dar tudo o que você quiser para o seu trabalho.”

V- Que bênção!

M- Aí ele veio...

V- (?) de graça (risos).

M- (risos) Ele veio, ele levou material. Semana passada ele ligou. Falou “Olha, Miúdo, eu acho que já estou pronto!” Porque ele aprendeu coisas que ele // na faculdade ninguém nunca ensinou a ele. Eu tenho um professor Sílvia, da UniSantos que vem lá da // faz um programa na rádio, vem a faculdade *Marquense*, né? Na parte da *elegia*, essas coisas. tudo vem lá conversar comigo. Eles são os

professores, vem lá “Miúdo, eu vim aprender um pouco contigo porque // toda a trajetória.” Até agora, essa semana, a TV eleitoral esteve aqui para fazer uma reportagem. Eu nem tinha visto no jornal, quando foi hoje, todo mundo “Olha, Miúdo, você viu que no jornal...” eu falei “Não”. Aí eu fui, peguei, estava o jornal contando a história. Porque eu levei a repórter lá dentro do bairro para ver o que estava acontecendo.

V- Tá.

M- Então a nossa trajetória, para que a gente *ter* uma raiz de lá para cá, nós temos que tentar manter aquela raiz, tentar manter aquela árvore e quantos anos eu sei que eu vim do Norte. Eu hoje, depois de vinte cinco anos eu voltei no Norte. Depois de vinte cinco anos que eu estava aqui eu voltei.

V- Nossa, tudo isso?

M- Assim. Depois de vinte e cinco anos que eu voltei, eu amostréi para as pessoas quem foi mais eu, adonde eu tinha trabalhado, o que eu tinha feito e adonde eu estava. Eu parei em frente à Usina Tiúma, que hoje está fechada, e tinha um senhor tirando, alimpando a cana. Eu falei “Adonde está aquele senhor, eu limpei aquele mato a tantos anos passados. A cana não é a mesma, mas a plantação foi feita no mesmo local”.

V- Claro.

M- Digo “Olha, eu vou ficar aqui no carro e vou dizer para vocês aonde está a medição e como é o sistema que ele vai tirar. Vai lá e conversa com ele. E eu vou ficar aqui, olha.” Fiquei parado na beira na frente do carro aqui e eles desceram do carro, foram lá conversar, eu falei “*Olha*”. Eu fui numa usina, que eu trabalhei cortando cana, e amostréi para eles tudinho, então eu fui fazer uma retropectiva daquela vinda do Norte para cá. E eu voltei com vinte e cinco anos, voltei em todos os local que eu tinha passado como criança, como adolescente, como jovem, fui...

FIM DO LADO A

M- (...)Começar a beber muita cachaça. Aí eu levei ele para casa, recuperemos ele, aí ele foi embora para o Norte, né? Foi para a Usina Curangi.

V- Curangi?

M- Curangi, a usina Curangi. Aí ele me ligou e falou “Olha, eu estou trabalhando aqui na usina e queria que você, quando vir no Norte vim aqui me procurar.” Eu saí daqui eu falei “Olha, nós vamos hoje na casa do João Fagundes.” Vamos lá. Eu sei adonde é. “Mas quanto tempo é?” Saímos daqui, passemos, fui na casa da minha mãe, passemos uns três dias, agora “Vamos visitar o João.”. Aí quando chegemos lá, aí ele tinha casado, estava com três filhos. Aí, quando chegemos lá, eu mandei o povo lá, né? Conversar com a mulher dele, né? Falei “A casa é aquela ali, pergunta se não é ele que mora aqui, assim, assim, assim. Vai lá!” Aí eles foram lá “É aqui mesmo.” Ele não estava em casa, ele tinha ido para a usina. Aí, nós ficou lá esperando e a mulher ficou assustada, né? Eu falei “Olha, quando ele chegar aqui, a senhora não fala que eu estou aqui. Fala que chegou alguém aqui, veio buscar ele preso” (risos). Aí, quando ele chegou da usina que ele estava trabalhando, ela falou “Olha, veio um povo de São Paulo aqui te buscar, porque disse que lá você deixou uns quatro filhos lá...” Inventaram aquela, né? Aí ele “Ah, mas eu não fiz nada disso, não, não (?) Falou “Olha, e você conhece o rapaz que estava aqui. Você conhece um rapaz lá de Cubatão chamado Miúdo?” Ele falou “Miúdo? Não, mas Miúdo não vai vim aqui” E eu lá trancado dentro do quarto dele, né?

V- (risos)

M- A mulher // fizemos amizade, mostremos que levei umas fotos dele. E a gente trancado e a mulher fazendo que estava desesperada, falou “Olha, e eles vão voltar aqui”. Aí ele falou “Ah, então põe o almoço, que eu vou almoçar e vou dar um jeito, se eles chegar aqui eles vão embora, eu não estou aqui mesmo e vão embora.” Aí quando ela pos o almoço, ela sabia que nós já estava lá, nós íamos almoçar. Ela botou o almoço, né? Começou a botar os pratos “Ah, por que está pondo os pratos?” “Não, porque você vai ter uma surpresa, né? Você vai ter uma surpresa na hora do seu almoço.” Ele falou “Que surpresa?” “Esquenta a cabeça não.” Aí quando ela botou, ela foi lá, ela abriu a porta do quarto, nós saímos de dentro do quarto morrendo de dar risada. Aí ele foi lá, abraçou, para você ver...

V- Que felicidade.

M- Que felicidade ele estava, né? Fomos lá conhecemos os filhos dele, conhecemos a família dele e aqui ele estava jogado. Aqui ele estava jogado. Ele voltou para a terra dele, voltou, se recuperou e construiu a sua vida. Então, eu acho que essa cultura nossa, os imigrantes, os nordestinos, ela tem sempre que ter uma raiz, uma base. Qual é a base? É você não esquecer de onde você veio. E falar para os seus filho. Lógico que todos eles não vão ser igual, mas se você foi lapidando, for lapidando, for lapidando, eles vão pegando aquela raiz da família e eles vão fazendo a coisa acontecer, porque amanhã eles vão ser pai, depois vão ser também avô e vai na seqüência. Então, nós temos que deixar sempre isso plantado, para uma cultura não perder, né? Para a cultura não perder, não perder a essência da cultura de quando a gente era pequeno, que os pais da gente era mais pequeno do que nós e os avô, você vê que é uma trajetória longa, mas essa trajetória longa, ela tem que ser cada vez mais aperfeiçoada no passado. Porque o passado, às vezes poderia ter dificuldade, mas não tinha essa facilidade e essa violência que tem hoje.

V- É.

M- Então, hoje, nós estamos vivendo num mundo que nós sabemos qual é a hora que o mundo vai acabar. Qual é a hora que alguém vai embora sem saber o que deixou. Porque cada um plantou aquilo para o futuro. Você vê, hoje, é mãe, filha, filho, treze quatorze ano e você passa por essas experiência, né? Passa por essas experiência de ver a evolução do mundo. Primeiro uma moça só casava com vinte e três anos, vinte e quatro anos, estava preparada, tinha um conhecimento da vida. Hoje é treze ano, quatorze ano, doze ano, dez ano! Aí fala “Não, nós estamos evoluindo.” Não, não estamos evoluindo. Nós estaríamos evoluindo se a população estivesse, cada dia mais, se respeitando. Aí nós estaria se evoluindo. Mas não adianta, Vilma, eu não lhe respeitar nem você me respeitar! Que evolução nós estamos tendo?

V- É.

M- Então nós estamos regredindo. E eu sempre falei, numa palestra aqui, que a desordem pôs a ordem. Então inverteu a letra da bandeira do Brasil.

V- Sei.

M- É “Ordem e Progresso”, então agora é “Desordem para o Progresso”.

V- (risos)

M- Não é isso? É “Desordem para o Progresso.” Então, eu acho que a gente temo que começar a parar, pensar e ver o que nós vamos fazer. Tanto as esfera maior, que nem as esfera menor. Porque, às vezes, as esfera menor não tem o poder, mas ela sabe fazer. Mas aí tem aquele caso “Não, tem que ter o diploma. Não, tem que ter a faculdade.”.

V- É o discurso, né? Deles.

M- É o discurso. Então, eu sempre venho desafiando qualquer diploma, qualquer faculdade. Eu sempre venho desafiando. Por que eu venho desafiando? Que é para dizer para eles que o diploma é um pedaço de papel, é um pedaço de papel, porque o diploma real, mesmo, é esse que estamos vivendo agora.

V- É a vida, né?

M- É isso que nós estamos vivendo. É isso que eu estou passando para você e você vai tentar passar para alguém. Aí você fala “Puxa, mas ele conversou tanto, agora eu vou ver se é o real.” Aí você vai dizer “Olha, Miúdo, tal dia eu quero me encontrar contigo na tua casa.”, porque aí eu vou te manter de tudo aquilo que, realmente, você vai embasar no seu trabalho, vai colocar e dizer “Olha, eu vi, escrevi. Se alguém tiver dúvida...”

V- Papel está aqui.

M- Está aqui...

V- (risos)

M- A primeira resultado.

V- Claro.

M- Certo?

V- Certo. Mais um pouquinho. Essa associação que você fundou, ainda existe?

M- Existe.

V- E funciona?

M- Funciona.

V- E quantos membros tem?

M- Dos cavaleiros ou dos...

V- As duas

M- As duas. A dos cavaleiros tem quarenta e quatro membro, né? Tem quarenta e quatro membro...

V- Tá.

M- Isso não quer dizer que não tenha mais membro fora da cidade que ainda não está trabalhando e está incluído na associação.

V- Sei.

M- Né? Eles não estão dentro da associação, mas eles são pessoas que estão no mesmo ramo que, amanhã, *e/les* pode estar dentro da associação.

V- Quarenta e quatro que está// Assim, não é associado diretamente, mas está ligado.

M- Mas está ligado.

V- De alguma forma.

M- E qualquer coisa ele vem buscar uma informação. Quando o bicho pega para o lado dele, ele vai recorrer a quem? Quando prende um cavalo “Miúdo, mas prenderam o cavalo em tal lugar” eu digo “Olha, chama o presidente que ele vai buscar o cavalo. “Ah Miúdo, estou com problema.” Então tem um ponto de apoio. Só que, por eles não serem educados, não serem colocados numa norma para que eles trabalhassem, eles acham “Ah, isso não vai acontecer não”. Então eles acredita // Cidadão só acredita quando a casa cai, quando ele faz a casa num lugar que a árvore está podre e vai cair em cima da casa. “Ah, caiu em cima da minha casa” “Caiu, mas eu te avisei que a árvore ia cair.” Então, mas leva tempo para a árvore cair. Às vezes a árvore está podre, mas ela diz ali “Puxa, eu vou cair e vou matar

uma família, né? Eu vou deixar para cair na hora que não tiver ninguém em casa, deixar para cair na hora que não causar danos.” E a árvore “pou” cai em cima da casa! Quando o cara chega em casa...

V- A casa caiu literalmente.

M- Caiu a casa. Vai reclamar de quê? Então eu sempre cuido antes da casa cair. Lógico, não sou perfeito cem por cento, mas eu tento sempre ser os noventa e nove, porque é uma obrigação que me impede.

V- Claro.

M- Né?

V- E a associação dos criadores?

M- A dos criadores tem...

V- Quantas pessoas, mais ou menos?

M- A dos criadores tinha// tem sessenta e cinco que estava dentro...

V- Sessenta e cinco?

M- Sessenta e cinco, né?

V- Tá, pode ir falando.

M- E se você for fazer a conta, tem mais de cento e cinqüenta, que todos eles cria. (risos) Mas não estão dentro da associação.

V- Mais de cento e cinqüenta que cria?

M- Que cria animal.

V- Que cria animal?

M- Que cria animal.

V- Que tipo de animal?

M- Animal é um bacuri, né?

V- Que que é bacurim?

M- Bacuri é um porco (risos)

V- Bacurim?

M- Bacuri. O bacuri é o porquinho quando é novinho, né?

V- Ah, um leitãozinho?

M- É um leitãozinho. Então, porque o nome correto é suíno, né?

V- Sim.

M- Então uns chama porco, outro bacuri. Porque a história do Norte é bacuri. No Norte...

V- Eu não conhecia bacuri.

M- Bacuri é no Norte. Aí é o bacuri, é o porquinho novinho, é o leitãozinho, que é chamado de bacurinho. Aí você bota ele no // A gente vendia no Norte, saía vendendo nas feira, né? Aquele porquinho, todo mundo já via e comprava só para fazer a criação, comprava o casalzinho. Sempre vendia o casal, né? Hoje a tradição caiu mais. Mas aí eu chama leitão.

V- É o leitãozinho, né?

M- É o leitãozinho. Mas é o leitãozinho porque é para matar o bichinho...

V- É o bacuri.

M- (?) *tua irmã gosta* // É para matar o leitão// Tudo sob controle?// Que é para // É o leitão.

V- Entendi. O bacuri. Então eles criam o bacuri? (risos)

M- Cria o bacuri, né? Para justamente criar porca, que aí vem o bacurizinho. (?) tem no sítio, já é uma tradição, tem em vários sítios, o dia em que você vier com folga, eu vou te levar no sítio...

V- Então, o que eu preciso saber é a quantidade de sítio que tem aqui em Cubatão, mais ou menos, assim por cima. Um dia a gente marca e *vem*.

M- Porque todos aqui estão...

V- Só para eu pôr no trabalho.

M- Porque aqui, dentro de Cubatão, saíram tudo para São Vicente. Por que saíram para São Vicente?

V- Então, precisamos entender.

M- Porque Cubatão// porque Cubatão, né? Por não ter o local dentro da lei // Tem o local de criar, mas dentro da lei não pode criar. Aí todo mundo saiu.

V- Foi para São Vicente.

M- São Vicente. Então São Vicente, né? Lá para a Pedreira da Mantiqueira, lá para longe, longe do centro.

V- Mas eles se mudaram ou eles mantêm esse sítio?

M- Eles mantêm lá.

V- Como é que é?

M- Eles mantêm lá, porque lá eles pode...

V- E eles vão para lá?

M- Eles vão para lá. Fim de semana eles estão lá.

V- E durante a semana, quem cuida?

M- Eles também. Porque o situante sempre ele já veve lá.

V- Tá.

M- Tem um caseiro, ele mantêm alguém.

V- E assim, o que você poderia me dizer daqui de Cubatão mesmo?

M- Dentro do centro da cidade não tem (?), né?

V- Não, assim, por exemplo, Areais...

M- No Areais tinha a Rosa, foi intimada a tirar todos os bichos do sítio (risos)

V- Então, esse tal problema com a Rosa (risos). Por exemplo, Pilões, Cota, Vila Esperança, Vila Natal, Vila Noel que eu falei com...

M- Isso.

V- O seu Wilson, né? Que está lá na Cosipa e também mora aqui.

M- Isso, é.

V- Que mais? Ali nos Queirozes, né?

M- Tudo ali no Queiróz era uma criação...

V- Vila dos Pescadores, tem até a// estende até para Santos a Alemoa, né?

M- É.

V- Tem a Vila dos Pescadores // dos Criadores.

M- Dos Criadores.

V- Então, você pensando, assim, com todo esse pessoal que você tem contato daqui de Cubatão, fora, assim, do Vale Verde para lá. Quantas pessoas você acha, mais ou menos, que tem terra, assim, que cria? Você sabe dizer, por cima?

M- Aqui? Não, aqui no eixo de Cubatão ninguém mais cria.

V- Ninguém?

M- Ninguém.

V- Mas...

M- Por que não pode criar? Tem o *Severino* que, de vez em quando (?) uns ali escondido, de vez em quando *a vigilância entrava ali, e tira foto*. Porque todos foram intimados a abandonar o seu município e os seus sítio.

V- Sei.

M- Então, às vezes, encontrava num fim de semana um escondido. Porque todo eles tinha...

V- Porque a Rosa falou para mim que tinha bastante gente. Ela ainda falou “Olha, procura o Miúdo, fala com ele”

M- É, mas é que fica tudo escondido...

V- Está escondido? O que tem está escondido? Eu respeito, assim, que você não me revele nada...

M- Justamente, porque...

V- Mesmo porque o que fica aqui, é para uso// né?

M- Não, mas veja bem, eu digo está escondido está a vista, porque, de vez em quando aparece uma denúncia. Mas nós temos na Água Fria, né? Nós temos aqui na Vila Esperança. Ainda tem aquela pessoa que gosta de criar o seu, ele não está criando mais em quantidade daquilo que ele queria criar.

V- Muitos saiu, mas tem uns que criam e...

M- É lógico, mas está criando aqueles um, dois, para ele pelo menos ter um entretanto dele, né? Ele ter o entretanto dele.

V- Tá.

M- Por que a finalidade é o que? É, justamente, é a cultura dele.

V- É.

M- E a cultura dele, ele pode não criar // Ele queria criar cem, mas ele falou “Não, vou criar um.”

V- Mas esse pessoal vive disso? Ou tem algum trabalho?

M- É um hobbie.

V- É um hobbie?

M- É, uns vive e outros não, né? Porque, que nem a Rosa tem bastante bicho, mas ela vê, é funcionária pública, trabalha na prefeitura...

V- Sei.

M- Ela gosta. Não, ela construiu uma casa para o cavalo.

V- (risos)

M- Ela construiu uma casa para o...

V- O He-Man

M- Entendeu? Ela comprou uma casa para o cavalo. Você dê uma pisa nela, mas não encoste a mão no cavalo dela!

V- Claro. Sei.

M- É um hobbie dela! Né? Então, cada um tem o seu hobbie. E aquilo que o cidadão tem como hobbie, desde que ele seja bom, poxa, por que não deixar ele, né? Então vamos criar uma área para que ele tenha aquilo. Você vê o Bill, o seu // Lá no Capivari, né? Você vê a situação que ele vive ali. Ali era para ser uma área *servindo*, justamente, para quê? O pai do Luís, Luís sabe ferrar os cavalos, o único ferrador aqui em Cubatão é ele, é o Luís.

V- Eu sei. E ele ferra bem, né? Que vem gente de fora procurar ele.

M- De tudo quanto é lugar! Então ele mesmo constrói a ferradura, ele mesmo faz a ferradura.

V- É mesmo? Nossa, eu conversei, conversei com ele, pensei que ele só ferrasse, ele faz?

M- Não, ele faz a ferradura.

V- Nossa, é bom, né?

M- Você está entendendo? Então veja só, você vai lá na Vila dos Criador, tem lá a turma. Dia de domingo eles se junta lá com os cavalo, as criança. Aí eles vão lá, né?

Fazer aquela brincadeira, correr uma cavaçada, correr uma prova de tambor. É coisinhas pequena, mas é coisas pequena que eles se alegram.

V- Sei. E para o Perequê, o pessoal vai?

M- Vai, mas quando vai para o Perequê aí tem aquele problema ambiental.

V- Ah!

M- Né? Porque tudo é ambiental. Agora não sabe que o cavalo, ele vive de capim.

V- E é esterco.

M- E é o esterco.

V- Que depois vira esterco, né?

M- Entendeu? Então daria para criar ali um parque, né? Uma coisa organizada. Como é que se cria uma coisa organizada? Para ter tudo dentro dos padrão, organização.

V- Tá.

M- Aí eles // Porque se você chama eles para se organizar e determina, a lei determina, eles se organiza. Agora, se a lei não determina que eles se organizem e tenha o acesso, eles vão se organizar para quê? Olha, você está com o seu carro, é um exemplo, é um carro por cavalo. Agora, se o seu carro está emplacado e tem um dono, ele pode roubar. Então o cavalo, cria-se um horário, não de pique, mas para eles passearem. O local adonde quiserem ir.

V- É, eles reclamam que o cavalo faz sujeira, não sei o quê...

M- Ah, mas quem reclama que o cavalo faz sujeira, mas já viveu dentro de uma cocheira!

V- (risos) É, verdade.

M- Quem disser que o cavalo faz sujeira, ele já viveu dentro de uma cocheira, porque qual é o ser humano que não passou por uma cocheira? Que não foi lá ver um animal? Quer dizer que você vai ver porque é bonito? Não, você vai ver porque

você gosta! Porque aquilo que você não gosta, não vai ver. Você vai? Não gosto, não vou ver.

V- Pode ser bonito, mas se você não gosta...

M- Não gosta, você não vai ver.

V- Certo.

M- E aquilo que você nunca nem teve contato, mas você, algo que tem dentro de você puxou, olha “Bota um rodeio aí”. Você não vai (?) “ Vou, vou lá ver” Por que você vai ver? Porque alguém do teu antepassado deixou no teu sangue que tu tinha que está ali vendo como é que monta num cavalo, como é que tira leite de uma vaca, como é que faz o queijo. Alguém do teu sangue, que ninguém sabe a idade dos ano, deixou cravado que vem passando de sangue em sangue.

V- É.

M- Às vezes você tem só uma gotinha “Ah, eu não gosto do cheiro da galinha” Mas puxa, será que ninguém da sua família nem nunca comeu uma galinha caipira? (risos) E ela é saborosa, o sabor é diferente.

V- Claro, nossa, imagina, totalmente diferente.

M- Agora, como ela é criada é que precisa ser educado. Como ele vai ser criado, é para, justamente, você ter como é criado. Olha, eu tenho lá sete pato. Eu cheguei a ter quase duzentos pato e pata.

V- É?

M- É. Tu acha que sete pato me dá lucro? Não dá. Mas eu tenho que ter ali, eles corre, tem um lá que corre atrás das mulher. Corre atrás das menina.

V- (risos)

M- Ele corre atrás das menina. Tem mulher que não entra lá, com medo do pato.

V- Com medo? Medo dele? Mas é marreco, não é ganso...

M- Meus meninos // meus neto pega ele pelo pescoço. E gente adulto não entra lá...

V- Com medo de pato.

M- “O pato vai me pegar” eu digo “Vai lá” Os meus netinho, o Kevin, a Tainá e a Evelin, “Vai lá meu filho, traz lá o pato para o vô”. Eles vão lá, pega o pato pela asa, os três...

V- Nossa! Que é o contato que tem, né? Você vê? Desmistifica o negócio.

M- Você está entendendo?

V- Estou.

M- Aí agora, se você for lá, agora a pouco tempo, você vai ler lá. Tinha uma caixa lá no meio do mato, que eu tenho um terreno grande, eles ficam brincando dentro do capim. Eles vão lá para dentro do capim e ficam brincando, a molecada. Às vezes eu falam “Mas Miúdo e se uma cobra devorar?” Se a cobra morder é porque a natureza mandou ela morder. Uma coisa é estar dentro de casa, a cobra vai morder. “Mas pode? Tu é doido?” Não, eles estão se criando aí, que nem eu fui criado, eles vão lá dentro do capim, brinca dentro do capim. Eu deixei um lugar para eles ter contato com o verde, ter contato com a terra.

V- Está certo.

M- Aí a pata foi lá. Ih, eu tampei lá e deixei lá, né? Mas menino, você sabe, menino ele é curioso. E ela foi lá “Vem cá” E vinha aquela festa “Vô, vem ver o que foi que aconteceu!” “Que foi que aconteceu, que foi, meu filho?” Cheguemos lá, estava lá a pata tinha tirado os patinho.

V- Ah, que bonitinho!

M- Tudo amarelinho! “Olha, vô, o patinho!” “Ah, vamos tirar daqui! Vamos guardar os patinho! Vamos cuidar dos patinho para não morrer!” Então eles já sabem que tem que cuidar dos patinho para não morrer! Aí pus lá na luz, chega lá eles nem agüenta na caixa para ver. Tem uma luz, está lá se criando; tirou doze, estava se criando os doze!

V- Doze? Olha, que...

M- Eu separei da pata, porque se eu deixar eles com a pata, eles morrem! Porque ele é sensível. Botei lá (?) da ração. Você acha que a ração que eles já comeram não está mais cara do que os patinho vale?

V- Claro.

M- Mas é só, pelo menos, para eu ter o prazer de, justamente, eles está vendo, tenho o prazer de eles estar ali olhando. (?) De vez em quando, aí arrumei uma nora, né? Que agora eu tenho uma nora, ela “Mas esses patos só caga...” “Minha filha, pelo menos você está pisando na// na bosta do pato!” Aí agora ela parou, acostumou! Aí ela vai lá, sobra de comida ela bota para os patos, né?

V- É o contato que falta para as pessoas, né?

M- É o contato que falta para as pessoas. Então, esta é a nossa essência. E eu parei de criar porco que os vizinho começava a entregar. Aí começava “Ah, o porco está fedendo.” Mas quando eu matava o porco e começava a fazer a tripa do porco assada, sabe? O filé, o toucinho, começava a fumaçar...

V- Um chouriço!

M- Eu cheguei a dar cinqüenta quilos de carne por final de semana. Dar para a comunidade, assim. Cinqüenta quilos, um porco praticamente. Então, chegava final de semana, eu te mostro lá, eu matava quinze, vinte porco.

V- É mesmo?

M- Sexta, sábado e domingo.

V- Quinze, vinte porco? Porcos para o...

M- Por dia! Por dia!

V- Por dia?

M- Por dia! Eu te mostro tudo num caderno lá. Por quê? Porque era tudo coisa boa, o povo vinha de tudo quanto era lugar para comprar. Comprava para levar para a festa. Você vai fazer uma festa, aí nós vamos pegar aí mil reais e vou comprar de carne. Não, você vai lá com trezentos reais você compra um porco aí, compra um

cabrito. Você mata, faz a buchada, faz o sarapatel faz tudo o que você quiser fazer e distribui para a sua comunidade comer, para a sua festa. Então, são coisas que a gente temos que fazer o quê? Simplesmente só botar o povo no contato.

V- E já tem raiz, né? Tudo...

M- E já tem raiz. Por mais que você queira sair, já pensou se eu tivesse esquecido de como eu vim do Norte?

V- (risos)

M- Se eu tivesse esquecido o que eu passei no Norte? O sofrimento, que hoje eu falo para o filho “Olha filho, tanto faz ter caviar, que nem ter rapadura. É o mesmo gosto, o sabor é o mesmo.” Você gosta de caviar? Gosta. Então, deixo você cinco dias sem comer e dê um pão com uma rapadura ou um pouco de farinha, para ver se não vai ser melhor do que o caviar.

V- Claro. Tudo uma questão de...

M- Tudo uma questão de você estar na essência da sua cultura. Eu tenho // dos seis filhos, só um, o caçula que só gosta de peito de frango, só gosta de asa de frango, não gosta de asa, não gosta de pé, né? O negócio dele é o peito do frango. Deixa você sem comprar peito de frango umas duas semana. Aí ele vai começar a comer o pé, o pescoço (risos)

V- Funcionou?

M- Mas, hoje ele não pode ver um pé, não pode ver um um pescoço. Porque ele não...

V- Educou o paladar dele, né? (risos)

M- Porque tem que educar!

V- Claro!

M- Que as pessoa acha que só a vitamina está no peito do frango. Não, a vitamina está no osso!

V- O pé é uma iguaria na China, eles importam, no Japão.

M- É.

V- Cartilagem é riquíssimo aquilo, nossa!

M- Você pega aquilo ali, bota uma batata, bota um coentro, bota um tomate...

V- Faz um // Minha mãe uma vez fez uma pezada, sabe? Uma panela de pressão cheia de pé no molho. Nossa, não sobrou um!

M- Você come à vontade e você vai se entreter que às vezes você come a comida e fica lá (?)

V- Sim.

M- E então, tudo isso tem os haver, das pessoas entenderem o que é uma cultura, o que é a história de um povo e a raiz nossa, que nós temos sempre que estar cultivando.

FIM DA FITA

VILMA APARECIDA DA SILVA

**A campesinidade presente na construção do
espaço geográfico da cidade de Cubatão**

Dissertação apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientadora: Profa. Dra. Marta Inez Medeiros Marques

**São Paulo
2006**